ANEXO II

LAUDO ANTROPOLÓGICO
ESTUDO SOCIOAMBIENTAL

PONTA DA ARMAÇÃO (GUARUJÁ-SP)

LAUDO ANTROPOLÓGICO

Técnico Responsável: Dra. Maria Cecília Manzoli Turatti

Setembro 2012
ESTUDO SOCIOAMBIENTAL

PONTA DA ARMAÇÃO (GUARUJÁ-SP)

LAUDO ANTROPOLÓGICO

_________________________
Maria Cecília Manzoli Turatti
Doutora em Antropologia
Universidade de São Paulo (USP)
# SUMÁRIO

## PARTE I - PREÂMBULO

**APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA** ................................................................. 05

## PARTE II – REPRESENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS  *(Identificação das famílias tradicionais, das atividades econômicas tradicionais e modernas, das relações de parentesco e formas de organização social estabelecidas, análise das edificações e avaliação da situação fundiária)*

**Ocupação histórica** .................................................................................. 12

- Primeiros habitantes.................................................................................. 12
- O estabelecimento das famílias originárias................................................. 14
- A onda migratória do Montão de Trigo e demais famílias antíguas............ 18

**Modo de vida tradicional** ........................................................................ 25

**Transformações sócio-históricas** ............................................................... 36

- Ocupação do território............................................................................. 36
- Habitações............................................................................................... 48
- Atividades econômicas........................................................................... 54
- Organização social e relações micropolíticas........................................... 62

## PARTE III - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISES FINAIS  *(Definição de comunidades tradicionais sob a ótica jurídico-legal e teórica)*

**Comunidades Tradicionais** ..................................................................... 70

**Comunidades Caipiras** ........................................................................... 74

**Tradição e contemporaneidade na Prainha Branca** ............................... 77

- Relações de parentesco e territorialidade.................................................... 77
- Ressignificação de práticas socioculturais.................................................... 82

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ............................................................ 89

**COMPLEMENTOS** .................................................................................... 94

i. Fichas de Moradias *(Classificação dos moradores em tradicionais e não-tradicionais, dados sobre o uso das moradias, tempo de ocupação, material das edificações, diagrama de parentesco por família)*

ii. Fichas de Referências Culturais

iii. Croqui Histórico de Uso do Território
PARTE I

PREÂMBULO
APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA


(Fonte: Marie Söehhien – 2008)
Os três eixos estruturadores dessa investigação são a identificação da relação de ancestralidade dos seus moradores atuais; a narrativa do uso e ocupação históricos da área e a descrição e análise da dinâmica das relações sociais ali travadas hodiernamente.

Para tal fim, selecionamos e aplicamos os seguintes instrumentos de pesquisa etnográfica: registros escritos, observação participante e entrevistas semi-dirigidas em profundidade. Entrevistas semi-dirigidas em profundidade são aquelas em que o pesquisador parte de um roteiro pré-estabelecido que aborde as questões centrais da pesquisa, mas que também abrem espaço para novas questões apontadas pelo interlocutor. Os temas-chave aqui utilizados foram os prescritos na ET.

Parte das entrevistas foi gravada, algumas delas ou trechos não puderam sê-lo por falta de condições acústicas ou porque o entrevistado não permitiu. Por razões éticas e metodológicas, não serão apresentados nomes e registros fotográficos dos entrevistados e nem citações literais das entrevistas. Durante o texto deste relatório, as frases destacadas em itálico e postas entre aspas simples denotam que o argumento apresentado é o do entrevistado, mas não seguirão a prosódia autêntica para não expor os informantes da pesquisa e evitar o estigma da ignorância em relação às normas cultas de expressão.

Vale enfatizar que o trabalho de campo realizado pautou-se pela utilização de instrumentos de coleta de dados avalizados pelo conjunto de métodos adequados à execução de pesquisas qualitativas e pelas seguintes premissas metodológicas:

1. Este é um trabalho de construção de fontes primárias a partir de depoimentos orais em que se busca apreender a percepção dos sujeitos sobre uma determinada realidade territorial e comunitária e sua dinâmica histórica.
MARTINS (2004: 27) assim define a pesquisa por meio da história oral: “História oral é um movimento voltado não à coleta de documentos já produzidos, mas à elaboração de novos documentos a partir de relatos e entrevistas de informantes que não necessariamente têm uma projeção na vida pública ou alguma notoriedade, mas que se encontram em condições de relatar algo sobre sua participação na história”.


3. Ao realizar o trabalho de campo, o pesquisador não controla completamente as circunstâncias da pesquisa. Desde impasses sobre a aceitação de sua presença pelo grupo até a submissão às intempéries e às dificuldades de acesso ao local da pesquisa, o investigador de campo está sujeito a realizar suas atividades muitas vezes em condições adversas e necessita readequar seus instrumentos de coleta de dados de acordo com as condições que encontra¹. Tal postura é reconhecida pela literatura metodológica das ciências sociais, como afirmado por MARTINS (op.cit., p. 29): “É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através

¹ Sobre as condições de pesquisa com grupos sociais rurais e suas implicações sobre as técnicas de coleta de dados, cf. TURATTI (2005: 22-31).
do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita”.

4. As comunidades tradicionais não apresentam uma forma invariante de organização social e distribuição espacial, sendo metodologicamente errôneo construir instrumentos de pesquisa que poderiam ser indiscriminadamente utilizados para toda e qualquer comunidade. Segundo PEIRANO (1992:09), “não há cânnone possível na pesquisa de campo embora haja, certamente, algumas rotinas comuns, além do modelo ideal. Desta forma, não há como ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensina, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de surveys, aplicação de questionários. Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados”. No caso desta investigação, por exemplo, os padrões de fixação local da comunidade – diversas residências em um mesmo terreno – a metodologia de grupos focais aplicados às parentelas extensas teria fornecido informações qualitativas de maior qualidade que os questionários aplicados para cada família nuclear. Optou-se, contudo, por seguir à risca o instrumento metodológico solicitado na ET.
Aplicação dos instrumentos

Foram realizadas dezesseis entrevistas em profundidade, um mapeamento participativo (que contou com a presença do geógrafo Guilherme Klausner e dois moradores da comunidade) e a dinâmica denominada Diagrama de Venn (que embora não costume figurar como metodologia própria ao Laudo Antropológico, foi conduzida pela antropóloga responsável).

Além disso, foram aplicados pelas sociólogas Mara Palhares e Amanda Souza questionários que subsidiaram tanto as fichas de moradias (ver complementos) quanto informações sobre a análise das atividades econômicas e das habitações atuais. A respeito dos diagramas de parentesco apresentados na segunda parte desse lado, cumpre ressalvar que foram elaborados exclusivamente a partir das informações advindas da memória de nossos interlocutores. Assim sendo, é possível que haja eventuais distorções relativas às grafias dos nomes em comparação com registros documentais.

Cabe mencionar que algumas informações constantes nas Fichas de Moradias (ver complementos) podem estar inexatas, especialmente aquelas relacionadas ao tempo de moradia e à função da mesma. Tal se explica porque muitos moradores compreenderam que as informações coligidas para esse laudo seriam cruciais para sua permanência na área caso seja implantada, futuramente, uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, e podem ter se

2 Cumpre esclarecer, a respeito dos questionários, que 19 famílias não puderam ser ouvidas seja porque não estavam presentes na comunidade durante o período de trabalho de campo ou porque não quiseram participar da pesquisa até a confecção final desse laudo. Entendemos, contudo, que se nossa amostra não pode ser considerada censitária, também não podemos desconsiderar que ela cobre 85% do universo de pesquisa, ou seja, o erro amostral que se impõe sobre a análise dos dados obtidos é inferior a 0,04. Nossas considerações e percentuais baseiam-se, portanto, em 95 questionários (de 104 possíveis).
esforçado sub-repticiamente para ratificar sua condição de moradores tradicionais.

Finalmente, as imagens que não apresentam fonte identificada foram produzidas pela autora desse laudo entre 25/11 e 04/12/2011.
PARTE II

REPRESENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS
OCUPAÇÃO HISTÓRICA

PRIMEIROS HABITANTES

Partindo-se logicamente da ocupação primeva da área em estudo, registramos que toda a costa circunvizinha ao território de Bertioga encontrava-se sob o domínio de várias aldeias indígenas situadas nas serras adjacentes; os indígenas das etnias Tupinambá, Tamoio, Tapamunho (e possivelmente outras não citadas nas obras de referência historiográfica) frequentavam a faixa costeira em determinados períodos do ano para praticar a pesca e a coleta de mariscos (FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS *apud* TULIK, p. 52).

Nos primórdios do período colonial, a Ilha de Santo Amaro (hoje município de Guarujá) e a vila de Bertioga eram consideradas estratégicas para povoamento e consequente proteção territorial da Capitania de São Vicente, mas tal intento era obstado pelos constantes ataques indígenas – especialmente por parte dos tupinambás – aos colonizadores que ali se fixavam. Diante de tal quadro, foram providenciadas no século XVI fortificações em ambos os lados do Canal de Bertioga. O Forte de São Tiago (posteriormente denominado Forte São João), na Vila de Bertioga, e o Forte de São Felipe (depois chamado de Forte São Luís), na extremidade da Ilha de Santo Amaro (hoje Praia Branca/Ponta da Armação), eram, no entanto, construções precárias que não cumpriram com eficiência sua função defensiva, como atesta o fato de Hans Staden, militar e viajante alemão que foi condestável do Forte de São Felipe por mais de dois anos, ter sido aprisionado em um dos ataques dos tupinambás à Ilha de Santo Amaro (TULIK, op.cit., p. 58).
Em fins do século XVI e durante o século XVII, a povoação do litoral paulista foi progressivamente abandonada em vista da conquista do planalto, alvo de expedições de caça aos índios (1540-1640) e procura de ouro (1640-1730). A região da Prainha Branca permaneceu debilmente habitada porquanto ali se instalara uma Armação de Baleias. De acordo com TULIK (op.cit., p. 84), “em 1822 vivam na Armação de Bertioga 61 pessoas entre as quais 51 escravos”, sendo dois núcleos habitacionais: aquele do tenente-coronel responsável pela Armação, conformado por sua esposa, seus sete filhos e seus 48 escravos, e o do feitor, composto por esse e seus três escravos. A indústria baleeira, entretanto, perduro somente até os anos 1830, quando a Tesouraria da Província de Santos requereu a venda das instalações da Armação de Bertioga em hasta pública (TULIK, op.cit., p.73).

Responsável pelo principal estudo existente acerca da Prainha Branca, a geógrafa Olga Tulik (op. cit., p.85) assevera que “tudo parece indicar que a ocupação presente se fez totalmente desvinculada daquela que se verificou outrora. Não existem referências que comprovem a continuidade do povoamento, o que faz crer na existência de um pequeno hiato entre a fase colonial e a contemporânea. Assim através de entrevistas e inquéritos realizados junto aos moradores mais antigos, foi possível constatar que o núcleo populacional da Prainha Branca formou-se no início do século XX, por iniciativa de caícaras que buscavam prover a própria subsistência à custa da pesca e da prática de uma lavoura rudimentar”. As informações que recolhemos em nossa pesquisa de campo corroboram a versão apresentada por Tulik, conforme o exposto a seguir.
O ESTABELECIMENTO DAS FAMÍLIAS ORIGINÁRIAS

As lembranças sobre as primeiras famílias que conformaram o núcleo comunitário da Prainha Branca conduzem sempre a uma primeira moradora referencial chamada Bárbara Engrácia (sobrenome não identificado, mas acreditamos tratar-se de Bárbara Leopoldina Mattos, apontada como moradora da área no “Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920” pela Diretoria de Estatísticas do Estado de São Paulo, apud TULIK, pp.214-215). As informações recolhidas apresentam Bárbara Engrácia como “uma bugra³ que morava em uma casa de pau-a-pique sem reboco”.

Há duas versões para a história familiar de Bárbara Engrácia. Os descendentes da família Oliveira (Diagramas 3, 4 e 6) – que podem ser, por extensão, descendentes da própria Bárbara Engrácia - narram que Bárbara Engrácia possivelmente era casada com José (ou João) Neto e com ele teve três filhas: Francisca, Ana e Maria. Francisca e Maria casaram-se com dois irmãos, respectivamente Maximino e Emigdio Neto (ambos citados no “Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”), possivelmente seus parentes, já que compartilham o mesmo sobrenome. Os descendentes não foram capazes de recuperar as informações sobre a origem desses dois irmãos, embora um entrevistado sem ligações consangüíneas com a família Neto (Diagrama 1) tenha dito que

“ eles eram muito antigos aqui; eles eram ensacadores que trabalhavam nas Docas de Santos, eram aqueles carregadores de sacos, chamam-se estivadores. Os braços deles eram muito fortes. Só que todos os estivadores têm pernas tortas, os Neto também tinham”.

³ Descendente de índios.
Já de acordo com os descendentes da família Lemos (Diagrama 2), Bárbara Engrácia vivia sozinha e quando Narciso Lemos (também mencionado no “Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”) chegou à Prainha Branca, vindo de Ubatuba,

“ficou com pena daquela mulher sozinha, toda encurvada e doente, que ficava espionando com medo as pessoas pelos buracos de dentro da sua casa, e reformou a sua tapera de pau-a-pique”.

Narciso Lemos teria aportado na Prainha Branca vindo da Praia de Picinguaba, município de Ubatuba, e ali se estabeleceu como pescador e agricultor.

É possível, contudo, que as versões distintas sejam passíveis de harmonização. Há relatos que os irmãos Emígdio e Maximino Neto foram viver na Ilha Montão de Trigo por um determinado período no início dos anos 1900. É possível, então, que ao chegar à Prainha Branca em 1910, Narciso tenha encontrado Bárbara Engrácia morando, de fato, sozinha.

No depoimento de um dos nossos interlocutores mais idosos, ele conta que o pai chegou em 1942 à Prainha Branca e encontrou

“só os Neto e os Lemos. Tinha a Dona Aninha Neto⁴ e a família dela, que moravam onde hoje é o casarão do Evandro⁵, e o Narciso e a família dele, eram poucas casinhas, só das famílias deles mesmo”.

---

⁴ D. Aninha Neto, nascida em 1888, filha de Bárbara Engrácia, casou-se com Afonso Flávio que, segundo seus descendentes, possivelmente era da Ilha Montão de Trigo. Não foi possível recolher muitos dados sobre Afonso Flávio porque ele faleceu muito jovem.

⁵ Mansão do ex-deputado estadual Evandro Mesquita, construída na Prainha Branca entre os anos 1970-1980 e sobre a qual falaremos mais adiante, no tópico relativo às transformações sócio-históricas ocorridas na área.
Diagrama 1 - FAMÍLIA NETO (+Família Flávio)

Diagrama 2 - FAMÍLIA LEMOS
A despeito da falta de precisão que a reconstrução genealógica encerra de forma imanente, ao tomarmos por base as anotações do “Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920” e as informações coligidas em campo podemos admitir que no núcleo populacional atual da Prainha Branca vivem descendentes de duas famílias pioneiras na ocupação da área – a família Neto e a família Lemos (estabelecidas em fins do século XIX e início do XX), além dos descendentes das famílias Oliveira, Flávio, Santos, Celestino da Silva, todas instaladas provavelmente a partir dos anos 1930-1940 e ligadas às primeiras por laços consangüíneos e de aliança, conforme veremos adiante.
**A ONDA MIGRATÓRIA DO MONTÃO DE TRIGO E DEMAIAS FAMÍLIAS ANTIGAS**

A Ilha Montão de Trigo situa-se no município de São Sebastião (litoral norte de São Paulo), a aproximadamente 40 km de Bertioga (23° 5' 30” lat/ 45° 47’ long), e ocupa 1,13 km² de área. Seus habitantes vivem desde sempre da pesca, agricultura e extrativismo e a maioria dos membros das 14 famílias que ali residem atualmente carregam o sobrenome Oliveira.

Para os pescadores da Ilha Montão de Trigo, a Prainha Branca representava um local de descanso na longa travessia que realizavam para vender o pescado em Santos. Segundo um de nossos informantes, que veio da Ilha Montão de Trigo para a Prainha aos 10 anos, em 1942,

> “os pescadores saíam do Montão de Trigo em suas canoas de voga e demoravam dois, três dias para chegar em Santos... então eles paravam aqui pra descansar e comer. De lá do Montão até aqui na Prainha era o dia inteirinho ou mais. Quando dava fome, o que tinha pra comer era sopa d’água [água com farinha] e peixe assado na folha de bananeira.”

Com o tempo, de mero local de descanso a Prainha Branca passou a ser uma extensão da Ilha Montão de Trigo; foram estabelecidos laços socioculturais que incluíam o trânsito de um local a outro para participar das festas de padroeiros e, sobretudo, da Folia de Reis (ver complementos):

---

6 A Ilha Montão de Trigo obteve recente destaque na mídia porque seus moradores receberão em fevereiro de 2012 um Termo de Autorização de Uso Sustentável expedido pela Secretaria de Patrimônio da União. O jornal Folha de São Paulo de 08 de janeiro de 2012 relata que a grande maioria dos moradores atuais enverga o sobrenome Oliveira devido às seguidas uniões consanguíneas.

7 De acordo do TULIK (op.cit.,p.211), “canoas de voga eram embarcações geralmente construídas de um tronco só com dois mastros que levavam de três a oito ‘vogas’ ou remadores. Podiam, também, navegar à vela. Sua capacidade, que variava de uma a dezoito ‘pipas’, era medida em pipas de aguardente, produto que normalmente transportavam”. 

---
“os antigos de lá [Montão de Trigo] vinham cantar a Folia de Reis aqui na Prainha. Meu avó, Hermógenes Maciel, era violeiro e antes de vir morar aqui já frequentava muito por causa da Folia”.

Não obstante esse contato cultural que se realizava amiúde, a escolha por migrar da Ilha Montão de Trigo para a Prainha Branca está assentada principalmente em motivações econômicas:

“nos anos 40, a situação ficou crítica por lá; tinha peixe mas não tinha dinheiro para o sal, não dava para escalar8 o peixe; tinha que tirar o sal da pedra, o sal do mar que fica preso na pedra, minha mãe ia com uma cuia e raspava a pedra, só que ficava um sal muito forte e amargo; então o velho Narciso chamou meu pai e muitos outros que já morreram também pra vir para cá, para a Prainha, porque era melhor para trabalhar”.

Carlos Borges SCHMIDT (apud TULIK, op.cit.: 204) contradiz nosso entrevistado quanto à ‘fartura de peixe’ na Ilha Montão de Trigo ao apontar em seu “Alguns aspectos da pesca no litoral paulista” que houve uma diminuição expressiva no pescado no litoral norte entre os anos de 1932 e 1943, sendo que após esse período retornou-se à abundância. Mas, para nossos propósitos compreensivos, a informação disposta em SCHMIDT reforça a ideia de que os habitantes do Montão de Trigo atravessavam condições adversas em fim dos anos 1930 e início dos 1940 e a migração para o litoral central tornou-se uma perspectiva atraente, sobretudo porque ali, na Prainha Branca, a tainha era pródiga.

Como veremos adiante com mais detalhes, Narciso Lemos era dono da grande rede de pesca necessária para apanhar tainha, cujo manuseio dependia do trabalho de muitos pescadores, e é muito provável que a necessidade de mão-de-obra para essa tarefa tenha sido uma das causas para

8 Processo de limpeza para retirada das vísceras e espinha do pescado de maneira a prepará-lo para a salga que garantia sua conservação.
que Narciso incentivasse a vinda de pessoas do Montão de Trigo para a Prainha Branca.


Durante o trabalho de campo, pudemos apurar que os descendentes dessa onda migratória da Ilha Montão de Trigo que ainda habitam a Prainha Branca provêm, momentaneamente, das famílias nucleares cujos diagramas apresentamos a seguir: Flávio (ver Diagrama 1, p. 15), Hermógenes de Oliveira (Diagrama 3), Bento de Oliveira (Diagrama 4), Cândido Santos (Diagrama 5), João de Oliveira (Diagrama 6).
Diagrama 3 - FAMÍLIA HERMÓGENES DE OLIVEIRA
Diagrama 4 - FAMÍLIA BENTO DE OLIVEIRA
Outra família igualmente antiga na área - mas que não veio da Ilha Montão de Trigo - é a família Celestino da Silva (Diagrama 7). Segundo seus descendentes, o patriarca Manoel Celestino era indígena da etnia Guarani e se estabeleceu em uma região extrema da Prainha Branca, conhecida como Canto Grosso ou Cantão, por volta de 1920.

Por volta dos anos 40, Manoel e sua família foram residir por um breve período de tempo na Ponta da Armação, antiga área da indústria baleeira que hoje abriga um núcleo populacional de XX famílias, extensivo e imbricado à comunidade da Prainha Branca e que oferece como atrativo turístico as ruínas da fortificação de São Luís e da Ermida de Santo Antônio do Guaiab. Manuel se deslocou até a Ponta da Armação justamente para cuidar das ruínas. De volta ao Cantão, a família de Manoel estabeleceu relações de parentesco por aliança com as demais famílias que ocupavam a vila da Prainha Branca.

Diagrama 7 - FAMÍLIA CELESTINO DA SILVA
As famílias Neto e Lemos, fundadoras do núcleo populacional da Prainha Branca – e também a família Celestino da Silva, ocupante pioneira do Cantão – eram pescadoras, agricultoras, caçadoras e extrativistas. Comungavam da extrema solidariedade expressa nos mutirões e nas plantações em áreas comuns e, para além da dimensão econômica da vida prática, eram devotos de Nossa Senhora Imaculada Conceição, celebravam a Folia de Reis e promoviam animados saraus seresteiros em suas casas.

As atividades descritas compõem o modo de vida que se convencionou chamar de cultura rústica, termos que segundo CANDIDO (1987, pp. 21-22) implica o “isolamento, em constante incorporação e reinterpretação de traços, que vão se alterando ao longo do contínuo rural-urbano” e exprime o “universo das culturas tradicionais, as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação de traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborigêne”. Esse tipo de cultura forjada no contato entre o português e o índio e mais tarde ampliada pelo encontro com o negro também pode ser chamada de cultura cabocla e está embasada em um alto nível de dependência direta do homem em relação ao meio natural e em fortes vínculos de solidariedade interfamiliar.

As roças de mandioca, abóbora, melancia, feijão e cana-de-acúcar estendiam-se entre a Igreja da Nossa Senhora Imaculada Conceição e a Lagoa Grande (ver Croqui Histórico) e, nos pés dos morros, havia as bananeiras que eram praticamente espontâneas. A mandioca, fundamental na alimentação caçara, era o produto preponderante na lavoura e um interlocutor assim
descreve o processo de beneficiamento da mandioca no chamado “tráfego de farinha”:

“havia muita roça de mandioca doce para ralar, para fazer farinha; lavava a mandioca, colocava no tapiti⁹, tirava aquela massa e punha em um gamelão¹⁰ para levar até a peneira, coava fininho para depois levar até o forno de cobre e ali ficava o dia todo; quando torrava punha num coité¹¹ para esfriar, porque não podia ensacar quente”

A cana-de-açúcar era processada no engenho¹², localizado ao lado do tráfego de farinha, e era utilizada sobretudo como substância adoçante para o café (alguns moradores tinham pés de café em seus quintais e torravam os grãos de maneira artesanal, mas a aquisição do produto pela maioria dos moradores era feita em Bertioga). Os moradores antigos se lembram, saudosos, do café de garapa, bebida consumida antes de sair para trabalhar que era feita ao se despejar o caldo de cana fervente sobre o pó de café acomodado em um coador de pano, daí resultando o líquido já adocicado. Tal expediente garantia considerável economia familiar, já que o açúcar refinado adquirido em Bertioga é lembrado como produto de valor extremamente alto.

As roças serviam quase que exclusivamente para autoconsumo. Muito raramente um visitante comprava farinha ou outros gêneros alimentícios in natura e, eventualmente, algum excedente era comercializado em Bertioga. Os espaços destinados às roças eram de uso coletivo, embora parte dos moradores mantivessem pequenas lavouras nos seus próprios quintais. Os

____________________________
⁹ Cesto cilíndrico de palha, de origem indígena, usado para espremer a massa de mandioca. Também conhecido como tipiti.
¹⁰ Vasilha grande de madeira
¹¹ Cuia, cumbuca.
¹² Foi relatada a existência de outros engenhos na comunidade e no entorno (por exemplo, na Praia Preta, contígua à Praia Branca), mas não foi possível apurar mais detalhes sobre esses outros engenhos.
caiçaras da Praia Branca/Ponta da Armação complementavam sua dieta alimentar com a carne de caça: caçavam paca, cotia, porco-do-mato, veado e tatu valendo-se de técnicas de armadilha, sem espingarda\textsuperscript{13}. Outra fonte protéica importante era a extração de moluscos (camarão pitu, pescado na linha) e peixes de pouca importância comercial como o acará, que eram coletados na Lagoa Grande e no Canal de Bertioga. Finalmente, as árvores frutíferas como o jamboiro e o cambucá também são lembradas como importantes fontes de alimentos para a comunidade. Para transportar e armazenar seus alimentos, os moradores produziam balaios, cestos e gamelas com casca de bambu, cipó do mato e folhas e gravetos de guapiruvu ou guaricanga.

Para auferir ganhos monetários que possibilitavam a compra de sal, óleo, e demais produtos que precisavam ser adquiridos fora da comunidade, os moradores extraíam madeira dos morros para vender em Bertioga. Cada família tinha sua canoa a remo, meio de transporte indispensável para que os moradores se locomovessem e pudessem praticar esse pequeno comércio em Bertioga. Uma entrevistada conta que

\textit{\textquotedblleft nós subíamos o morro bem ali nas pedras, e descíamos com um punhado de paus amarrados, apoiados na cabeça e nas costas. Mesmo quando a gente era criança. Depois o papai pegava e juntava tudo aquilo que a gente pegou no morro e levava de canoa para vender em Bertioga. Na mesma viagem já voltava com a canoa cheio de compras\textquotedblright.}

A pesca, por sua vez, era praticada tanto para gerar renda como para autoconsumo. Embora ocorresse o ano inteiro, era mais concentrada em fins de maio e começo de agosto (época da tainha) e de outubro a dezembro,

\textsuperscript{13} A pesquisadora Olga Tulik (op.cit., p. 210), relata que um dos moradores da Praia Branca por ela entrevistado em 1978, comparava o modo de caçar ali utilizado ao dos indígenas.
quando eram capturados o cação, a garoupa e a pescada. A tainha era pescada de maneira coletiva pela comunidade (ainda que houvesse a figura do *dono da rede*), enquanto as outras espécies eram pescadas individualmente ou por núcleo familiar. Um de nossos interlocutores relata:

“De noite íamos pro alto-mar pescar, sabe? Ficávamos até dez, onze horas da noite pescando pra pegar o peixe e levar pra vender na Bertioga. Cada um tinha sua tralha, sua piroga¹⁴, meu pai tinha a tralha dele, eu sei fazer rede de pesca, aprendi com meu pai”.

---

¹⁴ Canoa cavada em tronco de árvore.
Canoa antiga guardada pelos pescadores atuais

CALENDÁRIO DA PESCA

<table>
<thead>
<tr>
<th>PERÍODO DO ANO</th>
<th>ESPÉCIE</th>
<th>ESTILO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Maio a agosto</td>
<td>Tainha</td>
<td>Coletiva</td>
</tr>
<tr>
<td>Outubro a dezembro</td>
<td>Cação, garoupa e pescada</td>
<td>Individual/Familiar</td>
</tr>
</tbody>
</table>

As técnicas de pescar utilizadas pelos moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação eram as mesmas utilizadas no litoral norte do Estado de São Paulo, já que muitos dos antigos moradores vieram de lá (Ubatuba, São Sebastião).\(^{15}\) Para apanhar a tainha era utilizada a *rede de*

\(^{15}\) Cf. TULIK, op.cit., p.217.
costa e, para o cação, a rede caçoeiro ou o espinhel. Para a garoupa e a pescada, valiam-se também do espinhel, do cerco e da linha. A pesca da tainha era um fenômeno coletivo com participação de toda a comunidade, porque o procedimento exigia uma série de preparativos e um ordenamento rigoroso dos papéis cumpridos. A rede de costa media cerca de 150 braças (330 m²) e era lançada ao mar por uma canoa que levava dois remadores na proa, um na popa (mestre) e três camaradas de rede para auxiliar a primeira ‘puxada’ de rede. O lance da rede era feito assim que o espia dava o seu comando. O espia passava dias e noites no ponto mais alto da região com um apito e um pedaço de pano para anunciar o momento exato em que a rede deveria ser lançada. Os aparadores seguiam em outras canoas que iam cercando o cardume como se o empurrassem para saltar sobre a rede. Em cada lance de rede pescava-se de dois a três mil peixes e, nas épocas de abundância, chegava-se a cinco ou seis mil. Praticamente todos os moradores – incluindo mulheres e crianças – eram recrutados como camaradas de rede para ficar na praia e auxiliar a ‘puxada’ quando havia fartura.

A repartição do produto da pescaria fazia-se em três partes: o ‘dono da rede’ ficava com um terço, enquanto os dois terços restantes eram divididos entre todos os participantes, conforme a natureza da tarefa executada. A medida utilizada na repartição era o quinhão, cujo volume variava de acordo com o produto total. O espia sempre recebia dois quinhões; os camaradas de rede recebiam um quinhão e meio e as mulheres e crianças recebiam um quinhão. Um dos nossos entrevistados relata:

16 A rede caçoeiro se diferencia das demais por ser feita de um fio grosso com uma trama bem estreita. O espinhel é um aparelho de pesca que consiste em uma série de anzóis presos com arame a uma corda grossa, que é chamada de ‘cabo’. A quantidade de anzóis em cada ‘cabo’ varia entre cento e cinqüenta a quatrocentos. O cerco é consiste em lançar a rede ao redor de um cardume.
“ninguém na comunidade ficava sem quinhão, mesmo quando a pesca era fraca, ao menos uma única tainha todos levavam para casa. Minha mãe me mandava para a praia com uma ‘gamelinha’ buscar o peixe, mesmo que ninguém da minha casa tivesse ajudado”.

Para conservar o peixe por mais tempo, as mulheres limpavam e tiravam as vísceras da tainha e salgavam-na. Entretanto, quando a pesca era muito farta e sequer esse processo garantiria condições de consumir todo o peixe já preparado e armazenado nas casas, o produto inteiro de um lance de rede seguia para ser vendido em Santos e o valor obtido era repartido seguindo a correspondência com o quinhão. Não obstante, isso não costumava ser rentável para os moradores porque era necessário pagar uma determinada quantia para um intermediário em Santos. Segundo os moradores, a rede de tainha foi lançada pela última vez em 1974.

A rede de costa para a pesca da tainha, o engenho de cana-de-açúcar e o tráfego de farinha tinham um dono: Narciso Lemos. Os moradores mais antigos dizem que o Narciso era responsável pela Prainha, ou usam a expressão ‘comandava’ a Prainha. Segundo apuramos, contudo, o tipo de arranjo social em torno do ‘poder’ de Narciso Lemos se dava sem que houvesse a percepção de uma situação do tipo dominação-submissão. Segundo CARVALHO FRANCO (1997, p.238), a dominação pessoal que se impõe nos “coronelatos” típicos da estrutura social brasileira da primeira metade do século XX “esteve longe de realizar os requisitos de uma formação estamental (...); em lugar de camadas fechadas e nitidamente diferenciadas pela estilização de forma de vida, agregou grupos fracamente delimitados e com marcas exteriores pouco precisas”.

De fato, foi Narciso Lemos quem estimulou a onda migratória da Ilha Montão de Trigo e ‘permitiu’ - nas palavras dos moradores que não são
descendentes da família Neto – que as famílias ali se instalassem. Alguns entrevistados se sentiram desconfortáveis em falar desse tema e se limitaram a dizer que não precisavam pagar nada para o Narciso para usar o tráfego de farinha ou o engenho, porque era um ‘favor’ que ele lhes fazia. Embora o favor seja considerado expediente integrante das relações de dominação-submissão na cultura rústica, ele é atenuado pelo fato de que o ‘dominador’ compartilha com os demais os modos de se vestir, as efemérides religiosas e a sociabilidade geral calcada nas prestações e contraprestações de ajuda mútua.

Assim, Narciso Lemos era visto como um igual, devoto da padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição, freqüentador dos animados saraus com violas, sanfonas e danças variadas que se realizavam todos os sábados até a meia-noite em sistema de rodízio de moradias ou na sede da Associação 3 de Maio, fundada em 1945. A esses eventos ordenadores da sociabilidade caiçara na Prainha Branca/Ponta da Armação, é necessário adicionar talvez o mais importante deles, responsável por fornecer substância identitária mais forte e indelével que as próprias relações de parentesco: o mutirão. Nas palavras do nosso entrevistado mais antigo:

“Tinha mutirão pra tudo; se um precisava barrear a tapera, juntavam todos os homens pra ajudar e o dono da casa fazia baile no final, assava peixe com pirão; se era para construir a casa inteirinha, mesma coisa. Todo mundo sempre participava, era igual na pesca da tainha”.
As casas construídas ou reformadas nos mutirões eram de pau-a-pique, simples ou barreadas, e cobertas de sapé ou folhas de coqueiro *guaricanga*. Os moradores extraíam do meio circundante todos os materiais para construir sua habitação – a madeira, o barro, o sapé, as folhas de coqueiro, o cipó – e a técnica consistia em fixar diretamente no solo uma armação feita com pedaços de pau trançados e amarrados com cipó e cobri-la com sapé ou folhas de coqueiro (cf. TULIK, op.cit. p.122) e, para garantir maior vedação, preencher os espaços da estrutura trançada com barro.
Primeira escola da Prainha Branca que funcionava na casa de um morador, feita de pau-a-pique barreado e estuque (década de 1950)

(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

A educação na Prainha Branca/Ponta da Armação limitava-se à alfabetização e aos números, ensinados de maneira improvisada em uma sala cedida por um morador. Em 1962, foi construída a primeira escola, no mesmo local em que se encontra hoje, e somente a partir de 1968 foi instituído o primário completo (que corresponderia hoje até ao quinto ano do ensino fundamental).

************

A ausência de luz elétrica (que só foi instalada em 1982), a dificuldade de locomoção para as áreas urbanizadas, o ordenamento consensual interno do uso e utilização do espaço e um meio físico
relativamente abundante em matéria-prima para a satisfação das necessidades básicas de autoconsumo e comercialização de excedentes permitiram que o modo de vida tradicional que descrevemos acima tenha perdurado por cerca de 70 anos na Prainha Branca/Ponta da Armação. Contemporaneamente, poucos dos elementos que faziam parte do universo tradicional são encontrados na comunidade. Entender o processo histórico que ocasionou as transformações no modo de vida tradicional e traçar um panorama do quadro sociocultural atual é o objeto de nosso próximo capítulo.
TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A propriedade de terras no Brasil foi instituída formalmente em 1850, com a Lei de Terras. Até então, o que valia era a posse, ou seja, a ocupação informava o direito sobre um território. Depois de 1850, as aquisições de terras públicas só poderiam ocorrer através da compra, ou seja, só poderiam ser adquiridas por aqueles que tivessem condições de pagar por elas. Um dos objetivos da Lei de Terras foi exatamente impedir que os imigrantes e os trabalhadores brancos pobres, negros libertos e mestiços tivessem acesso à terra. Seu efeito prático foi dificultar a formação de pequenos proprietários e liberar a mão-de-obra para os grandes fazendeiros.

Com o advento do registro de propriedades em cartório, grupos sociais como indígenas, quilombolas, pequenos sitiantes, geralmente analfabetos e desconhecedores das leis, tornaram-se vítimas de toda sorte de ladinos. Para registrar a terra ocupada por outras populações por dezenas ou mesmo centenas de anos, grandes fazendeiros e advogados finórios valiam-se de determinados expedientes como a violência, a intimidação, a sedução, o embuste e o “grilo”17, não raro associados.

Quando estudamos a cadeia dominial de uma área ocupada por comunidades tradicionais, os registros documentais devem ser examinados

17 A expressão “grilo” vem de uma antiga técnica utilizada por fraudadores de títulos imobiliários, cujo objetivo era dar aos falsos documentos a aparência de antigos. Para isso, colocavam os papéis recém elaborados em caixas fechadas com diversos grilos. Semanas depois, os falsos documentos apresentavam manchas amareladas decorrentes das fezes dos insetos, além da presença de pequenos orifícios na superfície e bordas corroídas. Tudo isso para supostamente indicar a ação do tempo.
com cautela. No caso da Prainha Branca, a primeira escritura de compra e venda localizada data de 1930 e trata da venda de posse e benfeitorias de uma área na Prainha Branca. Maximino Neto e sua irmã Eugênia Neto teriam vendido suas terras (na área identificada em nosso croqui histórico constante nos Complementos como Varadouro) para Sebastião Alexandre do Amparo. Tal transação não foi mencionada por qualquer dos nossos entrevistados e, de fato, Maximino e Eugênia continuaram morando em suas terras. Se tal transação ocorreu de fato ou foi um ‘grilo’ (muitos ‘grileiros’ registravam terras que não queriam ocupar efetivamente, mas apenas usar como reserva de valor) não é possível saber. Com efeito, a área do Varadouro é hoje ocupada por moradores tradicionais e parte da sua área se presta a abrigar o rancho de canoas e tralhas dos pescadores, tal como sempre foi desde a formação do núcleo populacional originário.

Varadouro – rancho das canoas

Os descendentes do outro irmão, Emídio Neto, receberam do Estado de São Paulo, em 1976, o título de domínio da área que ocupavam fornecido pelo e, curiosamente, “venderam” para o ex-deputado estadual Evandro
Mesquita incontinenti (TELEGINSKI, 2005, pp.3-4). Contudo, a história relatada pelos moradores e descendentes da família Neto não permite que, como TELEGINSKI (op.cit., p. 7) admitamos a ‘boa origem’ dos títulos de domínio que são apresentados por Evandro Mesquita sobre a área em que construiu sua mansão. Senão, vejamos: Emídio Neto tinha quatro filhas e dois filhos; dois de seus genros, Mário Oliveira (casado com Anália Neto) e Benedito Rodrigues “Pracoama” (casado com Antônia Neto) forma os artífices das negociações com Evandro Mesquita e negociaram as terras em troca de casas na periferia do Guarujá à revelia de seu outros cunhados e cunhadas, sobrinhos, etc. O mais grave é que segundo os moradores, Evandro Mesquita acoplou por sua conta à área do espólio de Emídio Neto as terras de Ana Neto, cunhada de Emídio, obrigando-a a deixar sua moradia, que foi destruída pelos tratores de terraplenagem, e mudar-se para uma casa no morro:

“A. Aninha tinha quase noventa anos naquela época e o Evandro obrigou ela a ir morar lá no morro... eles nunca venderam a terra deles e o filho dela Pedro morreu de tanto desgosto pelo que o Evandro fez com ela”.

A área central, onde se localiza a vila da Prainha Branca e que concentra hoje a maior parte dos moradores, encontrava-se registrada em nome dos espólios de Jorge Correa Porto e Marcelo Eduardo Bourg. Mas um acordo supervisionado pela Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado de São Paulo e assinado pelos moradores da Prainha Branca e por representantes dos referidos espólios reconheceu o direito absoluto de domínio dos moradores. Em 1986, no entanto, os herdeiros de Marcelo Eduardo Bourg venderam uma parte correspondente a 80% da área total do espólio, que se sobreponha aos terrenos dos moradores, à Bepeá-Belval Predial e Agrícola LTDA. Segundo os moradores, essa empresa chegou a ir conversar com a
comunidade para dizer que iria construir um condomínio de luxo na área. Mas, segundo Teleginski (op. cit., p.8), esse registro da empresa não tem validade porque foi feito após a outorga do domínio para os moradores.

Com respeito à área conhecida como Canto Grosso ou Cantão, ocupado por Manoel Celestino da Silva, sua esposa Eufrásia e seus descendentes desde 1920, há registros que o Manoel Celestino protocolou, em 1967, pedido para reconhecimento de seu domínio em terras devolutas do Estado. Em 1976, Manoel e sua esposa Eufrásia foram procurados por Evandro Mesquita, acompanhado de seu fiel sequaz, João Jorge - que lhes ofereceu seus préstimos para ajudar a regularizar o domínio da área. Analfabetos, Manoel e Eufrásia forneceram procuração de plenos poderes “assinada com o dedão” em nome de João Jorge, na data de 16 de julho de 1976. Evandro Mesquita, por sua vez de posse de uma procuração em nome de Rubens de Oliveira Carvalho, registrou um ‘Instrumento Público de Composição Amigável e Outros Pactos, em que Manoel e Eufrásia - representados por João Jorge – “confessavam publicamente” ser caseiros de Rubens de Oliveira Carvalho – representado por Evandro Mesquita (TELEGINSKI, pp.11-13) Ora, Manoel e Eufrásia sequer tinham ouvido falar de Rubens de Oliveira Carvalho, nunca o tinham visto, como poderiam ser seus caseiros?

Os moradores atuais da Prainha Branca são loquazes e praticamente unânimes ao falar de Evandro Mesquita: ele é um elemento estranho à comunidade e é visto como inimigo. A exceção fica por conta de dois moradores entrevistados: o dono de uma pousada fora dos padrões exigidos pelo Condephaat para as construções na Prainha Branca, que alegou sempre recorrer ao “Dr. Evandro” quando precisa se livrar de uma multa ou de
outro problema; e um morador que diz que só tem onde morar porque o “Dr. Evandro” assim o permitiu.

As questões relativas a possíveis fraudes e até intimidações efetivadas no passado para que Evandro Mesquita obtivesse terras na Prainha Branca divide espaço com atitudes mais recentes que incomodam a comunidade nas falas dos moradores. Muitos relatam que Evandro começou a freqüentar a Prainha e tratava todos os caiçaras bem:

“pagava rodada de pinga nos bares pra todo mundo, dava presentes para as crianças, sempre tirava muitas notas de dinheiro do bolso, e os caiçaras ficavam encantados”
órgãos de fiscalização ambiental ou pelo CONDEPHAAT, porque acham que com o Evandro e sua mansão totalmente fora dos padrões exigidos no tombamento e sua estrada que dilapidou vastas áreas da Mata Atlântica nada vai acontecer:

“eu não posso pegar uma areia, derrubar uma madeira para usufruir na minha casa, mas quem vem de fora pode quebrar a Prainha todinha, não respeita meio ambiente, não respeita nada”

Evandro Mesquita construiu uma estrada particular para chegar até sua mansão. Para tanto, além do prejuízo ambiental, fechou diversos caminhos tradicionais e vedou o acesso a diversas nascentes, segundo um dos moradores entrevistado e que também é monitor ambiental.

Uma perturbação ocasionada por Evandro Mesquita, recorrente na fala dos moradores, está profundamente ligada ao pertencimento territorial e à
memória afetiva e simbólica de lugares significativos. Evandro Mesquita aterrou um fluxo de água vindo do morro que, ao chegar próximo à praia, formava uma lagoa em que os moradores brincavam, se banhavam, lavavam suas roupas. Nos idos de 1987, os moradores fizeram uma representação contra Evandro Mesquita em que elencavam, dentre outros distúrbios ao modo de vida da comunidade, o episódio do aterramento da lagoa. Segundo se aventa, alguns moradores foram ‘comprados’ por Evandro para testemunhar que essa lagoa nunca existiu. Certamente, nesse caso, *uma imagem vale mais que mil palavras*, como se pode conferir abaixo:

Para além dos impedimentos de acesso aos caminhos e lugares simbólicos tradicionais da comunidade ocasionados por Evandro Mesquita, percebe-se que a disponibilidade de espaço é cada vez mais exígua. A extensa
área ocupada pela mansão de Evandro certamente é um dos fatores que responsáveis por essa condição. Mas há outros elementos constitutivos: em 1978, TULIK (op.cit) relata que havia 51 moradias na Prainha Branca; em 2012, são 105, excetuando as casas de veraneio, ou seja, o espaço livre para a comunidade diminuiu e o número de habitações aumentou. O aumento no número de habitações ocorreu por dois processos. O primeiro deles é logicamente explicado porque as parentelas crescem em modelo exponencial (filhos que se casam e tem outros filhos e assim sucessivamente) e geralmente há um desequilíbrio entre a taxa de natalidade e de mortalidade, logo são mais pessoas para habitar o mesmo espaço.

Ainda que a mobilidade também pudesse equilibrar a constante populacional, já que muitos dos descendentes resolveram ir para a cidade, o segundo processo é crucial para explicar a emergência de novos ocupantes e, logo, o aumento da população. Moradores tradicionais costumam dispor de parcelas dos territórios que ocupam por motivos variados, como encontramos na Prainha Branca: a filha vai se casar e para pagar o casamento vende-se um ‘terreninho’ para um turista que queira construir um casa de veraneio; um membro da família envolveu-se em problemas jurídicos graves e para pagar o defensor os honorários advocatícios são trocados por um ‘terreninho’ à beira-mar. E há também os parentes que estavam na cidade e, ao atravessar dificuldades econômicas ou sentir saudade de retomar a vida mais tranqüila do caiçara, voltam para o local de origem e reivindicam um quinhão de herança. TULIK (op.cit., pp.194-195) assevera: “O praiano inadaptado acaba retornando, se não ao local de origem, pelo menos às regiões litorâneas, pois embora aspire melhoria de vida, raramente se habitua ao horário das atividades urbanas, afeito que está às liberdades que goza no litoral, não só na escolha da atividade e do ritmo de trabalho, como também na maneira de alimentar-se,
vestir-se e comportar-se, hábitos e costumes que caracterizam a tradição caiçara, que ainda permanece arraigada na população destes núcleos”.

As áreas de uso comum como a Igreja, o campo de futebol, a Lagoa Grande (que não é muito utilizada pelos moradores porque, segundo eles, está muito poluída), a escola, o posto de saúde improvisado onde seria uma Base Comunitária da Polícia Militar (desativada) têm sido poupadas do reordenamento espacial imposto pelo adensamento populacional, embora haja construções deselegantes como um quiosque para vender açaí que encobre a visão, a partir da praia, de alguns desses equipamentos públicos.
Crianças jogando futebol

Base Comunitária (desativada, usada como posto de saúde)
Lagoa Grande

Fachada da escola
Da mesma maneira, outras construções têm comprometido a ambiência própria a uma vila caïcarra como, por exemplo, algumas pousadas que vêm se expandindo sobre as encostas de morros, desrespeitando os padrões de construção definidos pelo tombamento\textsuperscript{18}.

\textsuperscript{18} a) Quanto às novas construções:

I – Altura máxima permitida é de 5 metros;

II - Não deverão se impor à paisagem, devendo seguir o padrão hoje existente na vila, ou seja, aquele caracterizado no processo de Tombamento número 26.632/88.

III – Novas ocupações devem ser feitas nos moldes do que hoje existe na vila, ou seja, preservando a vegetação de maior porte arbóreo, não envolvendo serviços de terraplanagem ou movimentos de terra e não acarretando impermeabilização do solo que exceda a área das habitações.
**HABITAÇÕES**

O padrão tradicional da moradia caiçara na Prainha Branca/Ponta da Armação – casas de pau-a-pique barreadas ou não – foi substituído há muito pelas casas de madeira e pelas casas de alvenaria.

*Casas de pau-a-pique barreado e estuque (década de 1960)*

Segundo TULIK (pp.128 e 135), as construções de madeira surgiram na Prainha Branca a partir de 1941, enquanto moradias feitas exclusivamente de tijolos aparecem somente a partir de 1959. Os blocos de cimento, por sua vez, só passam a ser empregados em meados dos anos 1970.
As habitações atuais - embora utilizem predominantemente as técnicas de alvenaria e materiais como bloco e cimento - mantêm uma das configurações espaciais internas similares às das moradias primevas de pau-a-pique: a entrada da residência é localizada na parede lateral, indicando a
profunda preservação da privacidade familiar manifesta pelo caiçara em sua representação da ‘casa’ e da ‘rua’\(^{19}\).

De acordo com TULIK (op. cit., p.143), 78,4% das habitações existentes na Prainha Branca em 1978 foram construídas entre 1959-1978. Esse aumento no número de construções e do número de moradores ocorreu devido ao asfaltamento da Rodovia Guarujá-Bertioga (1958), que proporcionou o surgimento de diversas indústrias de beneficiamento de pescado instaladas em suas margens. É a partir dessa época que o afluxo de moradores da Prainha Branca em direção ao mundo urbano e suas novas perspectivas de trabalho se intensifica. O processo que já havia sido iniciado pelas oportunidades geradas pela inauguração do SESC Bertioga é agora ampliado pelos empregos oferecidos nas indústrias de pescado e outras ocupações variadas em Santos, no Guarujá e, principalmente, em Bertioga.

À medida que o caiçara – assim como todos nós submetido às constrinções culturais do capitalismo – enxerga o material de construção urbano como símbolo de status, de realização social e familiar, torna-se compreensível, por extensão, que se deseje também um novo tamanho de moradia não só para quem utiliza parte de suas edificações como pousadas. TULIK (op. cit., p.149) já observava em 1978: “Na Prainha Branca, onde substituir a casa de barro por outra de material diferente significa melhoria, é natural que se construam novas habitações de outros materiais conforme as possibilidades financeiras de seus ocupantes”.

\(^{19}\) Conforme DAMATTA (1997), a rua é o espaço público, que é de todos e não é de ninguém simultaneamente, e por isso, configura um espaço hostil onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob a vigilância da autoridade. A convivência na rua depende de uma negociação constante, entre iguais e desiguais. A casa, considerada em sentido amplo, é o espaço privado por excelência, onde estão “os nossos”, que devem ser protegidos e favorecidos.
A intensificação das relações com o mundo urbano e a consequente ampliação do poder de compra mediante empregos de remuneração fixa ou ao menos de maior valor, proporcionou ao caiçara da Prainha Branca a utilização de outros tipos de materiais no fabrico de suas moradias – telha de barro, zinco ou amianto para a cobertura; madeira aparelhada, cimento, tijolo ou bloco para a estrutura. Pudemos perceber na fala dos entrevistados um orgulho em dizer quantas reformas suas moradias já tinham sofrido e que as casas dos filhos já tinham sido construídas com materiais melhores, “comprados e não retirados do mato como antigamente”. Simbolicamente, o material e a técnica de construção da casa representam a melhoria da qualidade de vida dos moradores da Prainha Branca. Obviamente a dimensão simbólica está acompanhada da razão prática: construções de madeira e de alvenaria são muito mais seguras contra intempéries, animais peçonhentos e insetos e incomparavelmente mais duráveis.
Em seu estudo completado em 1978, TULIK (op.cit., p.150) definiu a Prainha Branca como um núcleo de periferia urbano que, no entanto, não podia ser comparado a uma favela. Um dos pontos que impedia essa aproximação conceitual situa-se, para a autora, na distribuição espacial das habitações: enquanto nas favelas os barracos se amontoam uns ao lado dos outros,
deixando espaços exíguos que constituem ruas, na Prainha Branca haveria uma maior amplitude espacial porque as moradias seguem um padrão mínimo que dá preferência à localização em frente à praia ou aos caminhos.

Consideramos, contudo, que a análise de TULIK foi bastante superficial no que diz respeito à orientação espacial das moradias, porque ela não se atreve à questão dos limites tradicionais da propriedade de cada família para explicar que as casas na Prainha Branca sempre foram construídas próximas umas das outras para demarcar o mesmo terreno familiar, (regra seguida até os dias de hoje) e que tais terrenos, antes dos achaques cometido pela especulação imobiliária na Prainha Branca eram muito maiores. Ou seja: o que ocorreu durante esse hiato de 34 anos que separa o trabalho de Tulik do nosso é que o espaço tradicional das propriedades familiares ficou menor devido às ações de reordenamento fundiário descritas logo acima. À medida que Evandro Mesquita realoca famílias e delimita o tamanho das propriedades, muitos terrenos familiares tornam-se aglomerados de casas quase coladas umas às outras e alguns dos núcleos atuais assemelham-se, em termos de disponibilidade e distribuição espacial, às favelas dos grandes centros urbanos.
**ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Por um longo período, a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação realizava atividades econômicas cujo foco central eram o autoconsumo e a comercialização de pequeno excedente e que estavam ligadas ao aproveitamento do meio ambiente circundante (caça, pesca, lavoura, extrativismo). Na década de 1950, tem início um processo de maior interação com o meio urbano e uma parcela considerável da comunidade adota a prestações de serviços em Bertioga, Guarujá e Santos como forma de garantir seu sustento. Nessa mesma época, alguns moradores principiam timidamente as atividades de exploração do turismo, abrindo bares que atendiam turistas nos finais de semana.

TULIK (op.cit., p. 244) auferiu em 1978 que a população economicamente ativa da comunidade ocupava-se da pesca artesanal, do comércio local e da prestação de serviços em áreas urbanas; em nosso estudo em tela, constatamos que as mesmas atividades continuam a vigorar embora a proporção toda população que se dedica a uma ou outra atividade tenha se alterado, conforme podemos constatar nos gráficos a seguir:

---

20 A população economicamente ativa (PEA) é composta de indivíduos de 18 anos ou mais que possuem atividades econômicas passíveis de remuneração. No estudo de TULIK (op.cit.), havia 92 moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação nessa condição. Em 2012, há 158 moradores que perfazem a PEA. Não são considerados os aposentados, os que se ocupam de tarefas do lar e os desempregados.
Se em 1978, o percentual que se dedicava à pesca artesanal era da ordem de 8%, em 2012 esse percentual cai para 6%. A aparente insignificância da diminuição da pesca esconde, entretanto, que se houve um aumento de
72% no tamanho da população economicamente ativa entre 1978 e 2012, significa que, proporcionalmente, a atividade da pesca se tornou bastante mais insignificante no universo de práticas econômicas da comunidade. Tal se deve ao fato de que a indústria pesqueira na Baixada Santista viveu período de exploração desenfreada com grandes barcos e suas redes de arrasto que não respeitavam os períodos de defeso\textsuperscript{21}, ou seja, o pescado rareou na área. A árdua tarefa de pescar passou a não compensar já há bastante tempo para os caiçaras da Prainha Branca/Ponta da Armação.

Os pescadores restantes enfatizam, porém, que as medidas de fiscalização e proteção recém-implementadas pelos órgãos competentes (mornente a partir da criação da APA Marinha do Litoral Centro, que engloba a área da Prainha Branca/Ponta da Armação, em 2008) além do seguro-defeso criado pelo Governo Federal\textsuperscript{22}, devem fazer com que o peixe reapareça em maior escala nos próximos anos.

\textsuperscript{21} O defeso é uma medida que visa proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, como a época de sua reprodução ou ainda de seu crescimento. Dessa forma, o período de defeso favorece a sustentabilidade do uso dos estoques pesqueiros e evita a pesca quando os peixes estão mais vulneráveis à captura, por estarem reunidos em cardumes.

\textsuperscript{22} O seguro-defeso consiste em uma remuneração paga aos pescadores artesanais durante o período do defeso.
Observamos, nos entanto, que os dados realmente significativos para compreender a configuração econômica atual da comunidade são aqueles pertinentes às outras duas atividades. Note-se que há uma diminuição da ocupação nas áreas urbanas e um crescimento das atividades relativas ao comércio local. A explicação para tal fenômeno reside no fato de que, a partir dos anos 1970, acampar na Prainha Branca/Ponta da Armação “virou moda”, já que o acesso havia sido facilitado pela abertura das Rodovias Ariovaldo de Almeida Viana e Padre Manuel da Nóbrega. Os campistas instalavam-se na areia e demandavam serviços de alimentação, o que incentivou o surgimento de mais bares/restaurantes.
Em 1999, os moradores da Prainha Branca estavam cansados da sujeira e dos distúrbios promovidos pelos campistas e resolveram proibir a instalação de barracas na areia da praia. Como os campistas insistiam, alguns moradores resolveram aceitar que eles acampassem dentro dos seus quintais pagando pequenas quantias (diárias). Como se percebeu que tal prática era
muito rentável, o expediente se espalhou e se intensificou. Há relatos - talvez um pouco fantasiosos – de moradores que colocaram de duzentas a quatrocentas barracas em seus quintais nos períodos de temporadas e feriados prolongados.

Em 2006, a prefeitura do Guarujá proibiu o *camping* nos quintais, atitude que foi apoiada pela Sociedade Amigos da Prainha Branca e que gerou muitas controvérsias\(^\text{23}\). Mesmo com a proibição, a prática foi mantida já que quase não há fiscalização e somente em 2011 houve novas gestões apoiadas pela Fundação Florestal do Estado de São Paulo para que houvesse um plano de ordenamento da atividade de campismo\(^\text{24}\), ora em fase de aprovação pelo Ministério Público do município.

---

\(^{23}\) A proibição do camping gerou uma cizânia entre os moradores da comunidade, assunto do qual trataremos mais adiante.

\(^{24}\) Em concordância com o Decreto-Lei Federal n.º 39/2008, que dispõe sobre a instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos, e a Portaria Federal n.º 1320, de 17 de Novembro de 2008, que regulamenta o funcionamento das áreas de campismo.
A despeito dos problemas com a atividade de campismo, o filão turístico também é explorado de outras maneiras devido especialmente às medidas que facilitaram o acesso à comunidade e a capacitação de mão-de-obra para esse mercado. A organização não-governamental SOS Mata Atlântica captou recursos para que a trilha para chegar à Prainha Branca (que se inicia ao lado da balsa Bertioga-Guarujá) fosse reformada, obra finalizada em 2004. Também com o apoio da SOS Mata Atlântica, vários moradores realizaram curso para se tornarem monitores ambientais e, nos finais de semana, recebem turistas (principalmente os que são encaminhados pelo SESC Bertioga) e os levam para conhecer as trilhas que permitem apreciar a flora e a fauna da Mata Atlântica.
Barcos de moradores utilizados para fazer a travessia de turistas

Outra atividade importante para a composição da renda familiar também ligada ao turismo é a travessia e o passeio de turistas pelo mar.

Como pudemos constatar, as atividades econômicas predominantes na Prainha Branca/Ponta da Armação não compreendem mais a centralidade de atividades tradicionais de autoconsumo e comercialização de pequeno excedente. Foram localizadas apenas ocorrências periféricas de produção artesanal de artigos decorativos ou pessoais (sem utilização de matéria prima local) para comercialização e a prática doméstica da olericultura exclusivamente para autoconsumo. Os poucos moradores que praticam a pesca artesanal utilizam parte do produto para autoconsumo e parte para comercialização em Bertioga.

---

25 Ao longo desse trabalho, não utilizamos – a não ser em citações de terceiros – o termo “subsistência”, substituído por autoconsumo/comercialização de excedentes. Essa escolha é baseada no fato de que a moderna antropologia reconheceu que o termo subsistência carrega alta carga pejorativa e preconceituosa embutida no prefixo “sub”, como se as atividades econômicas próprias das culturas tradicionais conduzissem a uma existência “menor”, menos “digna”. Tal interpretação, apresentada primeiramente por CLASTRES (1988), vem sendo referendada pela Food and Agriculture Organization of United Nations (FAO).
Organização Social e Relações Micropolíticas

A primeira organização formal surgida na Prainha Branca/Ponta da Armação foi a Associação Atlética 3 de Maio, fundada em 1945. Seu objetivo era organizar atividades esportivas e de lazer, como partidas de futebol, bailes e saraus. Há alguns anos, a sede não resistiu às intempéries e desabou. Em 23 de setembro de 2011, o CONDEPHAAT autorizou a reconstrução da sede, mas a comunidade ainda não conseguiu levantar os recursos para tal empreitada. A Associação, todavia, segue ativa, concentrando-se especialmente em organizar churrascos e partidas de futebol.

Ruínas da sede da Associação Atlética 3 de Maio
Em 1972, foi fundada a Sociedade Amigos da Prainha Branca (SAPB), com o objetivo de intermediar as demandas da comunidade junto ao poder público e defender os seus interesses nas contendas fundiárias.
Em 1996, a SAPB realizou um plebiscito para saber se os moradores queriam proibir a atividade de campismo na praia. Tal consulta se deu porque a maioria dos moradores se sentia incomodada com os turistas:

“Tinha muita briga, assassinato até. E muita droga, bebida alcoólica. Os sujeitos eram tão mal-educados que faziam suas necessidades embaixo da nossa janela, na nossa porta. E o lixo que eles deixavam a gente tinha que levar por mar ou enterrar”

Os votos pela proibição venceram e os moradores tiveram que expulsar os campistas “na marra”, pois não tiveram auxílio do poder público municipal. Em 1997, foi firmado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que previa que a Prefeitura do Guarujá se comprometia em fiscalizar a proibição do camping na praia, além de se responsabilizar pela coleta de lixo e por melhorias gerais de outras ordens na comunidade. O TAC foi posto em prática a partir de 1999, por pressão da SAPB. Contudo, os campistas passaram a se alojar dentro dos quintais dos moradores que vislumbraram uma forma de ampliar sua renda. Nas palavras de um dono de camping:

“Ficou pior do que era na praia... agora o sujeito estava praticamente dentro da sua casa, mexendo com droga, sujo...”

Os entrevistados relatam que alguns moradores se excederam na vontade de tornar o negócio cada vez mais lucrativo e, inclusive, derrubaram algumas áreas preservadas para que coubessem mais barracas no seu terreno. Os moradores relatam que a SAPB fez várias reuniões com moradores para tentar alertar sobre os problemas de superlotação na área, sem sucesso. Em 2006, a SAPB decidiu, então, comunicar a situação ao Ministério Público que, no entanto surpreendeu a todos pelo radicalismo de sua decisão: proibir qualquer tipo de camping na Prainha Branca, por meio de um novo TAC.
Diversos moradores se revoltaram e culparam a SAPB pela proibição do camping. Uma das entrevistadas assim se expressou sobre o tema:

“Quem eles pensam que são? O terreno é meu e eu ponho quantas pessoas eu quiser aqui dentro. A presidente da Sociedade na época nem daqui era, conheceu a Prainha Branca como campista e depois faz uma m... dessa?”

Alguns moradores descontentes relatam ter montado chapas para disputar a direção da SAPB, mas foram impedidos de participar do pleito por questões burocráticas: em uma das eleições, os então dirigentes alegaram que a chapa opositora tinha passado quinze minutos do horário do término do registro; na outra eleição, instituiu-se critério de adimplência para permitir o voto do associado e, em protesto, a chapa opositora desistiu de participar da eleição. Alegam que há um grupo familiar que dominou a SAPB desde 1999:

“A família deles é a maior, então eles conseguem todos os votos para se manter na associação. E ainda criaram, em assembleia que só tinha a família deles, a regra de que só vota quem paga a associação, mas eles nunca prestaram conta se os parentes deles pagam mesmo... mas só eles que votam”.

Assim, em 2006, foi fundada, sem formalização legal, a Associação Caiçara do Camping da Prainha (ACCP), para representar os interesses comerciais dos moradores que exercem atividades relacionadas ao turismo e que manifestavam insatisfação com a direção da SAPB. A ACCP organizou-se para mapear os campings e propor soluções para flexibilizar a rigidez do TAC do Ministério Público. Só agora, contudo, esse processo está sendo efetivado, mediante gestão realizada pela Fundação Florestal, CONDEPHAAT, Ministério Público e representantes dos moradores. Essas entidades se reúnem
periodicamente para discutir, mediar e encaminhar as demandas da comunidade e dos órgãos do poder público - algumas vezes conflituosas entre si - composto uma espécie de grupo de trabalho com foco na Praia Branca/Ponta da Armação.

Nossa percepção foi de que a proibição do camping e os mal-entendidos derivados causaram uma séria ruptura nos laços comunitários. Ou melhor, aprofundaram algumas desconfianças e cicatrizes abertas já em decorrência do processo de tombamento da área pelo CONDEPHAAT. Todos os moradores entrevistados alegaram que, embora o tombamento tenha sido solicitado pela SAPB – que à época era dirigida por um integrante de outro grupo familiar – ninguém entendeu as regras, os benefícios, as penalizações que viriam. Um membro da atual diretoria da SAPB relata:

"Hoje nós temos um entendimento melhor do que é o tombamento, em todas as reuniões da SAPB sempre se faz uma colocação sobre o que é. Antigamente, na época que foi tombada, ninguém sabia. Ficou 5 ou 6 anos sem ninguém saber exatamente o que era. As pessoas pensavam que era o tombamento de terra porque os caras chegavam com máquinas... Faltou esclarecimento do Condephaat. Antes de tombar e também quando tombou, ninguém veio informar a comunidade".

O ordenamento do camping que ora se processa é visto como amalgamado às proibições de construções e reformas. Há um clima de ‘denuncismo’ e desconfiança que gera acusações entre membros da SAPB e da ACCP:

"O pessoal da SAPB é que liga para o Ministério Público vir aqui fiscalizar e multar as pessoas. Eles é que estão estragando o turismo aqui".

"A associação do camping está se lixando para o meio ambiente, eles querem mais é que venha o turista pra destruiu tudo isso aqui, desde que deixe dinheiro no bolso deles".
Neste conflito, pululam acusações mais sérias como as que envolvem a ligação entre a SAPB e Fundação SOS Mata Atlântica. A referida organização não-governamental atua na região da Serra do Guararu desde 2000 e apoiou o processo de tombamento, participou da mobilização para denunciar os delitos ambientais perpetrados por Evandro Mesquita, firmou parcerias com diversos órgãos públicos para possibilitar a pavimentação da trilha que dá acesso à Prainha Branca/Ponta da Armação, além da instalação, na mesma trilha, de *banners* informativos e educativos sobre a história da região e sobre preservação ambiental e coletores de lixo. Implementou ainda ações de coleta seletiva de lixo, projetos de educação ambiental e capacitação profissional para o ecoturismo. Contudo, apesar desse rol considerável de benefícios realizados, os detratores da SAPB acusam seus membros de desviar recursos repassados pela SOS Mata Atlântica.

Os moradores mais antigos encontram-se um tanto alijados das disputas intergrupais e discussões sobre o camping e o turismo, mas para eles essas atividades estão indissociavelmente ligadas às drogas e foram os campistas que introduziram essas práticas nocivas nos próprios jovens da Prainha Branca/Ponta da Armação. Essa é uma representação fartamente aludida pelos moradores:

"na temporada corre droga solta; eles vendem na frente de todo mundo; também aqui não vem polícia, não vem um investigador, nada, nada..."

"a Prainha hoje é boca de droga; é gente cheirando aquele pó na frente dos filhos, dos netos dos outros... daí eles aprendem essas porcarias e começam a passar a droga para os turistas para poder fumar o seu"
Não obstante, há entre os moradores mais velhos a percepção de que a atmosfera belicosa entre moradores é fruto de uma dissolução das relações cordiais comunitárias que tem sua origem em outros fatores:

“Antes de 1982 não tinha luz aqui. Foi a melhor fase da Prainha. As pessoas eram amigas, se encontravam nos bares, elas pescavam juntas, elas conversavam, elas se uniam. Daí veio a luz e a maldita televisão. As pessoas começaram a não ir mais a pescar às 5 da manhã, porque elas estavam assistindo televisão, as novelas, aí começaram a se isolar dentro de suas casas. Agora as pessoas se cumprimentam e nem se olham muito. É só um ‘oi, boa tarde, bom dia’ porque não têm como se cruzar e não se cumprimentar. E também viver da pesca era muito difícil. O sonho do caçara passou a ser morar na cidade”

Sobre os atritos extragrupais, ou seja, aqueles que envolvem a comunidade e agentes externos, estão os que permeiam o cotidiano na comunidade. Segundo os moradores, o filho de Evandro Mesquita costuma passear com seus cães da raça *pitbull* sem os devidos instrumentos de segurança, ameaçando crianças e os animais domésticos. Outra queixa, também a respeito do filho de Evandro Mesquita é que ele dirige um quadriciclo motorizado na areia da praia matando os *guaruças*. Alguns moradores tradicionais mais abastados também presentaram seus filhos com veículos similares, o que provocou o seguinte comentário de um entrevistado:

“Esse homem além de pegar as nossas terras ainda vem trazer só vício”

---

26 A pesquisadora responsável por esse laudo testemunhou um dos cães de Evandro Mesquita sendo levado a passeio pelos caminhos da vila por um funcionário, seguro apenas por uma ‘cordinha’. Como esse mesmo cão teria atacado e matado o cãozinho de um morador na semana anterior, os moradores ficaram revoltados e advertiram severamente o funcionário.

27 Pequenos caranguejos brancos que se escondem na areia.
PARTE III

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISES FINAIS
COMUNIDADES TRADICIONAIS

A tarefa de definir o que são comunidades tradicionais traz consigo a necessidade de desfazer, de início, um equívoco comum acarretado pelo adjetivo ‘tradicionais’. No uso corrente, tal termo aparece intrinsecamente ligado ao passado, refém da relação com o que é estanque, ultrapassado, engessado. A teoria antropológica clássica contribuiu para que o conceito de tradição se estabelecesse como sinônimo de imutabilidade, na medida em que a consolidou como centro da definição de cultura.

RADCLIFFE-BROWN (apud SATRIANI, 1986, p. 42) declarou: “(...) a realidade a qual eu aplico a palavra ‘cultura’, é o processo de tradição cultural, isto é, o processo mediante o qual, num dado grupo social, ou classe social, a linguagem, as crenças, as idéias, os gostos estéticos, os conhecimentos, as capacidades, os vários tipos de usos passam (e uso este verbo porque tradição significa ‘passar, transmitir) de uma pessoa a outra e de uma geração a outra”.

Isto é, a tradição seria o núcleo-duro da cultura que, nesta apreciação, também é definida como um corpo de comportamentos imóvel e inexpugnável que atravessa os tempos. Em termos práticos, essa abordagem se adequava aos estudos etnológicos sobre grupos humanos recém-colonizados e seus modos de vida, considerados ‘exóticos’ e ‘sem história’ quando confrontados à cultura civilizada e dinâmica dos colonizadores. Os grupos sociais tradicionais seriam, então, comunidades estáveis e passivas, reproduzidas como acordes monocórdios repetidos28.

28 LÉVI-STRAUSS (apud BALANDIER, 1976, p.173) foi um dos principais difusores da concepção de que sociedades ditas tradicionais eram ‘sociedades sem história’: “(...) elas parecem ter elaborado, ou retido, uma sabedoria particular que as impele a resistir desesperadamente a qualquer modificaçao de sua estrutura”.
Reflexões antropológicas modernas demonstraram, contudo, que mesmo quando analisadas sob um enfoque êmico, isto é, a partir de sua estrutura interna, as sociedades tradicionais sempre apresentaram movimento histórico, posto que não são desprovidas de contradições, desigualdades e conflitos.

Ao entrarem em contato com a sociedade envolvente, esses grupos tradicionais são pressionados ainda mais em direção a mudanças sociais e, neste processo - essencialmente político, são forjadas as identidades étnicas (indígenas, quilombolas, caiçaras). A identidade étnica é um processo de identificação de grupos em situações de oposição a outro grupo. CARDOSO DE OLIVEIRA (1976) elaborou a noção de ‘identidade contrastiva’ como base para a identidade étnica: a situação de oposição leva os grupos a elaborarem os seus critérios de pertencimento e de exclusão social. Quando este confronto está calcado numa relação assimétrica de poder - de submissão e dominação, os grupos minoritários reforçam suas particularidades culturais e suas relações coletivas como forma de reelaborar sua posição social. As relações de parentesco e a territorialidade são fatores acessados amíúde na construção dessas identidades. O estudo de BARTH (1976) acerca da flexibilidade das fronteiras étnicas demonstra que um grupo, confrontado por uma situação histórica peculiar, pode vir a realçar determinados traços culturais que julgar relevantes em tal ocasião.

Nesta perspectiva, as identidades não são fixas: são ‘identificações em curso’, integrantes do processo histórico da modernidade, no qual concorrem velhos e novos processos de re-contextualização e de particularização das identidades. "Sabemos hoje que as identidades culturais..."

---

29 Sobre a débacle da tese das sociedades sem história, ver BALANDIER (1976), SAHLINS (1994).
não são rígidas, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de politsemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso” (SANTOS, 2000, p.135).

A legislação brasileira se assenta na definição mais ‘clássica’ da reprodução do modo de vida tradicional, embora tenha incorporado, em alguma medida, o aspecto dinâmico da cultura e a territorialidade como pressuposto material da identificação étnica, conforme expresso no Decreto Federal n. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Em seu artigo 3º, o decreto define os povos e comunidades tradicionais e os territórios tradicionais nos seguintes termos:

**Art. 3º** Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

**I** - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

**II** - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68
do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações.

Cada uma das categorias de comunidades tradicionais manifesta traços culturais particulares e expressividade política diferenciada. Enquanto indígenas e quilombolas receberam maior atenção na forma de leis específicas de proteção e atribuição de direitos, caiçaras, ribeirinhos e camponeses mantêm-se a reboque dos seus similares mais fortes.
COMUNIDADES CAIÇARAS


A tipologia social lavrador-pescador congrega as atividades de agricultura e pesca – ambas voltadas ao autoconsumo e à exploração de pequenos excedentes. Uma forma de ocupação comum do litoral paulista foi a que combinou a atividade agrícola nos ‘sertões’ – faixa de terra localizada entre a orla e as encostas da Serra do Mar – e a exploração dos recursos marinhos (pesca e extração de caranguejos, siris e moluscos).

“No caso dos pescadores-lavradores, a agricultura é sua principal fonte de subsistência e a pesca constitui uma atividade ocasional, geralmente restrita a períodos de safra (tainha, por exemplo). (...) A pesca está inserida nas atividades predominantemente agrícolas, base de organização social e subsistência destes pescadores. O calendário de atividades é regido principalmente pela agricultura e o mundo de valores da comunidade é marcado pelo trato da terra” (ADAMS, p. 125)

---

31 A atividade econômica orientada para o autoconsumo não exclui a produção de um pequeno excedente. Quando esse excedente é comercializado, o equivalente-dinheiro é utilizado para compra de outros gêneros alimentícios (óleo, sal, etc). Ver CANDIDO (1987) e MOURA (1986).
Segundo MOURÃO (*apud* HANAZAKI, 2007, p.51), os caiçaras que se enquadram na categoria lavradores-pescadores são os que apresentam formas de cooperação mais sólidas, porquanto a atividade agrícola favorece trabalhos comunitários como os mutirões e pujusas.

A literatura sócio-antropológica que privilegia a pesca como atividade definidora da condição caiçara não exclui, contudo, a atividade agrícola do rol de práticas integrantes do complexo cultural caiçara. Neste campo de interpretação, a agricultura assume o caráter de atividade acessória dos caiçaras, definidos como pescadores porque detêm o domínio das técnicas de pesca e manejam com eficiência o ecossistema marítimo. Aqui, a venda do pescado é o objetivo da atividade da pesca, ainda que em pequena escala e de maneira artesanal.

“*No caso dos pescadores artesanais (...) a pesca deixa de ser uma atividade suplementar e converge-se na principal fonte de renda e produção de bens destinados à venda. O grupo doméstico deixa de ser a base das unidades de produção e cooperação. A divisão social do trabalho é baseada na especialização das tarefas de pesca. Nesse caso, o pescador passa a utilizar o barco motorizado, que lhe permite explorar ambientes mais amplos e distantes da costa (...). A venda do produto é feita para um atravessador ou diretamente para empresas de pesca e a produção de um excedente. Mesmo que pouco e casual, é utilizada na modernização dos instrumentos de trabalho. Nesse estágio o pescador artesanal passa a viver exclusiva ou quase que...*”

---

32 Mutirão é uma forma de trabalho comunitário em que um membro necessitado de uma dada comunidade solicita a ajuda de seus vizinhos para algum tipo de tarefa e oferece a eles, em contrapartida, festejos e alimentação. A *pujuva* é um mutirão de curta duração (menos que um dia de trabalho) em que o proponente se desobriga de contrapartidas faustosas.
exclusivamente da pesca. Os pescadores artesanais possuem sua prática econômica, social e simbólica ligada ao oceano” (ADAMS, p. 126).

Esta duplicidade conceitual da população caiçara identificada na produção científica sobre o tema – ênfase na atividade agrícola ou na pesca – revela que tais comunidades não são homogêneas e seus traços característicos variam de acordo com a localização, com o histórico de ocupação da área e, sobretudo, das dinâmicas econômicas a que são submetidas. Os estudos de caso efetuados permitem apenas generalizar a cultura caiçara como um conjunto de conhecimentos e práticas profundamente integradas com a natureza, sejam eles centralmente norteados pelos ciclos de plantio ou de pesca.

Na comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação, as atividades produtivas próprias à cultura caiçara foram praticamente extintas, restando poucos pescadores artesanais e nenhum agricultor, como vimos anteriormente. Contudo, a identidade caiçara subsiste na forma de se expressar, no vestuário e sobretudo – e mais importante – no auto-reconhecimento de tal identidade.
TRADIÇÕES E CONTEMPORANEIDADE NA PRAINHA BRANCA

RelaçõEs de Parentesco e Territorialidade

A identidade de um grupo está profundamente relacionada ao reconhecimento das relações familiares que se expressam pela ancestralidade e na ‘preservação do espaço de vivência’, ou seja, o território marcado por significados que fundamentam sua existência como grupo. “Assim, parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior” (TURATTI et alii, 2002, p. 04).

No que diz respeito ao parentesco, é preciso definí-lo de saída, como um sistema de relações que podem ser consanguíneas ou por afinidade/aliança. O parentesco consanguíneo é aquele que engendra as relações verticais diretas de ancestralidade e descendência por meio da filiação. Essas relações verticais consangüíneas podem identificar um parentesco em linha reta, ou seja, quando as pessoas descendem diretamente umas das outras (pais, filhos, netos, bisnetos, etc) ou um parentesco colateral, isto é, quando as pessoas não descendem umas das outras mas possuem um ancestral em comum (tios, primos e nomenclaturas correlatas como tio-avô, tia-bisavó, etc).

Já o parentesco por afinidade/aliança interliga as pessoas tanto horizontal quanto verticalmente por meio de relações socioculturais como o
matrimônio (marido, esposa, sogro, sgra, cunhados, etc), o compadri
(comadre, compadre, padrinho, madrinha, afilhados) e até as alianças mais
amplas de reconhecimento, prestígio e proteção (como os clãs e as linhagens
das sociedades tribais)\(^{33}\).

Segundo LÉVI-STRAUSS, (1982, pp.70-71) o parentesco
consangüíneo (também chamado por ele de biológico) é rigorosamente
determinado pela natureza, enquanto o parentesco por afinidade/aliança
respeita as exigências da cultura e, portanto, as relações que lhes são próprias
são mediadas por diversos fatores ambientais e por representação sociais e
simbólicas. Em outras palavras: ao nascer, o indivíduo é filho dos seus pais e
ponto; ao se casar, ao batizar seu filho, ele escolhe a qual indivíduo quer se
ligar, a qual subgrupo familiar quer pertencer e, pode, para isso, usar critérios
como amor, prestígio, riqueza, herança, proteção, entre tantos outros. Nas
palavras do autor: “A cultura, impotente diante da filiação, toma consciência de
seus direitos, ao mesmo tempo que de si mesma, diante do fenômeno –
inteiramente diferente - da aliança, o único sobre o qual a natureza já não
disse tudo. Somente aí, mas por fim também aí, a cultura pode e deve, sob
pena de não existir, afirmar ‘primeiro eu’ e dizer à natureza: ‘não irás mais
longe’”.

Em comunidades tradicionais, os sistemas de parentesco estão, via
de regra, intimamente ligados à ocupação territorial e as regras de herança
pertença a um grupo ligado por laços de descendência, aliança e filiação define
direitos territoriais exclusivos”, ou seja, o acesso à terra é garantido aos

\(^{33}\) As definições de parentesco constantes na teoria clássica da antropologia podem ser encontradas
também em RADCLIFFE-BROWN (1973), EVANS-PRITCHARD (1978), GHASARIAN (1996) e MORGAN
(1997).
indivíduos pertencentes a grupos familiares cujos ascendentes estabeleceram vínculos com um determinado território e por meio dele garantiram sua existência e teceram laços simbólicos e práticos de sociabilidade (celebrações, ações de ajuda mútua, alianças e conflitos, compadrios, adoções, etc).

Pudemos constatar nesse trabalho que ao longo do tempo – e com maior ênfase a partir dos anos 1970 - a utilização do espaço pelos moradores da Prainha Branca se transformou. Áreas de morro anteriormente exploradas na atividade extrativista estão hoje degradadas pela abertura da estrada que conduz à mansão de Evandro Mesquista; a antiga lagoa formada pelo represamento das águas da cachoeira, espaço fundamental de lazer presente na memória dos moradores atuais, foi aterrada na construção da referida mansão. Contudo, o sentimento de pertença ao território da Prainha Branca/ Ponta da Armação permanece inalterado nas parentelas extensas que hoje ali habitam – conscientes da ancestralidade e das relações de afinidade que informam e garantem o seu direito àquela área - ainda que os acessos e mesmo a existência de determinados locais de extrema significância identitária tenham sido interditados ou destruídos.

Assim, os habitantes atuais da Prainha Branca/ Ponta da Armação que descendem - por qualquer estrutura de parentesco - das primeiras famílias que ocuparam a Prainha Branca/Ponta da Armação constituem a extensão e perpetuação de uma comunidade identitária de sentidos compartilhados, ainda que alterada pela dinâmica histórica e por pressões econômicas. Por isso, eles são considerados moradores tradicionais.

Contudo, é a dinâmica social aliada ao determinismo natural - aquele pertinente às relações de filiação, ao parentesco biológico do qual falava LÉVISTRAUSS (op.cit., idem) – que permite a formação de uma comunidade
identitária de sentidos compartilhados. A comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação teria as mesmas feições se várias relações de afinidade/aliança não se tivessem estabelecido com os migrantes da Ilha Montão de Trigo porque o dono da rede de pesca da tainha precisava de mão-de-obra? Ora, é a partir do mundo social – absolutamente irreductível à consanguinidade - que os homens interagem entre si e constroem suas identidades. É a partir do mundo social também, ou da produção social de bens materiais e simbólicos, que se estabelecem relações de sentido, algumas de caráter solidário, outras de caráter deletério.

O universo delineado pelos moradores tradicionais, portanto, é composto pelos “de dentro”, aqueles que carregam os sentidos gestados pelos seus antepassados e galvanizados ao longo dos tempos pela memória das histórias familiares, da ocupação territorial, das referências socioculturais. É esse universo tradicional que permitiu durante toda a dinâmica histórica de sua existência que os “de fora” adentrassem o seu campo simbólico e se fixassem no seu sistema parental e/ou no seu território. Cabe distinguir, como prenunciado acima, que as relações que se estabelecem entre os “de dentro” e os “de fora” podem possuir traços harmônicos ou conflituosos Também no interior do próprio universo tradicional modelado pelas relações de parentesco, surgem eventualmente alterações e discordâncias, como vimos na Parte II desse laudo.

De uma perspectiva sincrônica, considerando o momento atual da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação, entendemos que os critérios de pertencimento e exclusão para os “de fora” devem ser reelaborados e definidos pelos próprios moradores tradicionais (estes já definidos acima pelos critérios técnicos da Antropologia). Trata-se de sugerir que se os descendentes
das famílias pioneiras na ocupação da área devem ter por direito a restituição do uso integral e da co-gestão do seu território por meio do estabelecimento de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, eles também devem avaliar o grau de solidariedade e de conflito nas suas relações com aqueles que não são considerados moradores tradicionais, mas que por razões variadas adentraram o território, ali se fixaram e também estabeleceram relações sociais com a comunidade tradicional. A questão crucial que deveria ser levada em conta é: **qual é o caráter da relação que o morador considerado não-tradicional estabeleceu com a comunidade?** O exercício de fornecer uma resposta a tal indagação possibilitaria aos moradores tradicionais diferenciar entre o ‘grileiro’ que constrói uma estrada e não permite que os comunitários tenham acesso a ela, por exemplo, e eventuais moradores recentes que participam da vida comunitária de maneira pacífica e agregadora.

Compreender as relações de parentesco e territorialidade em comunidades tradicionais e os critérios correlatos de pertencimento e exclusão exige, portanto, a junção das definições clássicas da antropologia sobre o parentesco às reflexões mais modernas da disciplina sobre as fronteiras políticas de caráter dinâmico que atuam na configuração das próprias comunidades, tal como visto anteriormente no capítulo ‘Comunidades Tradicionais’.
**RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS**

Como visto ao longo desse estudo, os caiçaras da Prainha Branca vivenciaram a cultura rústica até que os efeitos da ‘pressão civilizatória’ transmudaram a feição da comunidade e novas práticas socioculturais foram engendradas.

A moderna antropologia trata tais transformações em perspectiva relacional, ou seja, elas ocorrem no interior de um determinado grupo social mas não prejudicam a manutenção do auto-reconhecimento do grupo como único, como diferente dos demais grupos sociais.

*Cf. CANDIDO (op.cit.) e SZMRECSÁNYI&QUEDA (1979).*
A memória da origem não é incompatível com as mudanças sociais e o passado amalgamado ao presente e ao devir constitui a real substância da identidade grupal; se assim não fosse, não poderíamos sequer afirmar que um povo qualquer é do mesmo grupo de seus antepassados, pois não temos forçosamente as mesmas práticas religiosas, nem certamente as mesmas técnicas, nem os mesmos valores de nossos avós ou bisavós. Um mesmo grupo identitário exibirá traços culturais diferentes ao longo de sua história, conforme a situação ecológica e social em que se encontra, adaptando-se às condições naturais e às oportunidades sociais que provêm da interação com outros grupos, sem com isso perder sua identidade própria. Assim, os traços socioculturais mudam enquanto a identidade grupal se mantém (Cf. CARNEIRO DA CUNHA, 1986 e 2009).

As três ressignificações fundamentais na estrutura comunitária da Prainha Branca/Ponta da Armação são referentes ao território, ao turismo e aos valores culturais.

No tocante ao território, a comunidade teve suas feições alteradas devido ao adensamento populacional e à diminuição do espaço livre, corolário da entrada de Evandro Mesquita na área. E há a percepção de que o tombamento pelo CONDEPHAAT, que teria sido desejado pela Sociedade Amigos da Prainha Branca como mecanismo de freio à especulação imobiliária tornou-se uma política pública deletéria que apenas pune o legítimo desejo de expansão econômica dos moradores tradicionais, traduzida nas benfeitorias em seus imóveis. A utilização dos espaços de moradia para infraestrutura turística (campings/pousadas/restaurants) é um processo considerado sem volta pelos moradores, embora reconheçam que ele também foi e é responsável por
alterar profundamente a utilização do território que habitam, tanto no que diz respeito às áreas comuns quanto ao espaço doméstico.

As atividades econômicas relacionadas ao turismo recrudesceram na comunidade nos últimos trinta anos e há a expectativa de que elas possam ser diversificadas e reordenadas. Parte da comunidade entende que atividades turísticas ecológicamente sustentáveis cumpririam a dupla função de ser um chamariz para um público interessado em preservação ambiental e, ao mesmo tempo e como consequência da mudança no perfil dos frequentadores, seriam atenuados os dissabores como a excessiva produção de lixo, as balbúrdias e o uso excessivo de drogas. Parte dos moradores não assimilou as vantagens do turismo ecológico e defende o direito de explorar sua área de moradia como bem entender, ainda que de forma nociva ao meio ambiente.

Finalmente, no que diz respeito aos valores culturais, os moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação tentam redefinir sua identidade caiçara no ritmo do processo histórico que os conduz em direção aos gostos e aspirações do mundo urbano sem, no entanto, perder as referências do passado e sem obliterar a situação objetiva em que vivem, ou seja, o lugar em que habitam e suas potencialidades e limitações. A permanência da devoção à santa padroeira e as formas de sua celebração são estimuladas nas crianças e jovens; a Folia de Reis, adormecida no período de maior deslumbrar do caiçara com a luz elétrica, com a televisão, foi retomada em 1991 acrescida de novas configurações condizentes com a modernidade, como a introdução de novos instrumentos musicais; alguns jovens começaram a participar das reuniões feitas na comunidade e se interessar pelas possibilidades de trabalho que poderiam obter dentro do local onde vivem – durante a realização da dinâmica do Diagrama de Venn (parte integrante do estudo socioambiental ora em curso)
alguns jovens manifestaram o desejo de aprender as técnicas de pesca artesanal, por exemplo. Também o artesanato com matéria-prima local, tal qual os antigos praticavam para produzir instrumentos domésticos e de pesca, vem sendo lembrado pelos moradores como um valor cultural que poderia ser retomada tanto para incremento de renda quanto para preservação da memória local.

E há um elemento de alto potencial social e econômico, altamente valorizado pela juventude local e reconhecidamente subutilizado na Prainha Branca/Ponta da Armação: o surfe. O mar de ondas fortes é perfeito para a prática e dois surfistas adolescente locais, Deivid Silva (atual bicampeão brasileira da categoria mirim) e Eduardo Motta (que compete na categoria petit) vêm se destacando no circuito amador preparatório para as categorias
profissionais. David Silva já surfou na Austrália e no Havaí, mantém contrato regular de patrocínio e é alvo frequente de reportagens na mídia especializada.

************

**Considerações e Recomendações**

Considerando que:

1. a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação é considerada, de acordo com os modernos critérios antropológicos e em face do Decreto Federal 6.040/2007, uma comunidade tradicional;

2. a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação vem reelaborando simbólica e praticamente o seu modo de vida e hoje manifesta – ainda que não de maneira unânime – o desejo de explorar os recursos naturais do seu entorno de maneira sustentável;

3. o território da comunidade está incrustado em região litorânea de belíssima paisagem e de alto valor imobiliário e, portanto, vive ameaça frequente de ser desalojada do seu ambiente tradicional;

4. as demais informações presentes nesse laudo fundamentam satisfatoriamente as três considerações anteriores;

Recomenda-se que:

1. seja levado adiante o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento
Sustentável (RDS)\textsuperscript{35} na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação;

2. o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação seja reapresentado sucessivas vezes aos moradores, para que não restem dúvidas sobre sua gestão e sobre a caracterização jurídica do regime de propriedade da terra na RDS;

3. o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação seja conduzido de maneira a aproximar os moradores que hoje professam posições antagônicas a respeito das atividades econômicas praticadas no local, ao invés de fomentar novas divisões baseadas em classificações extremadas sobre quem pode ou não pertencer à comunidade.

\textsuperscript{35} A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), prevista no art. 23 da Lei Federal 9985/200, é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações, adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica. A RDS tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações. É de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser, quando necessário, desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


8. CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. Homens Livres na Ordem Escravocrata, São Paulo, Editora da UNESP, 1997 (4ª ed.).


COMPLEMENTOS
A legislação brasileira atual atribui grande importância aos bens culturais de natureza imaterial que possuem *status* de referência para a reprodução de identidades culturais e sociais de grupos e comunidades, conforme reza o Decreto n° 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro. O decreto citado apresenta, ainda, a circunscrição tipológica dos bens culturais de natureza imaterial: celebrações (religiosas ou laicas), formas de expressão (modalidades simbólicas de comunicação), saberes (conhecimentos e procedimentos relacionados ao trabalho, à cura e a outras práticas sociais) e lugares (espaços naturais ou edificados associados a usos sociais atuais ou a referências memorialísticas)

Ainda que seja possível identificar ‘referências culturais’ com base em sua reiteração em certo território, o sentido propriamente patrimonial de um bem cultural de natureza imaterial é, no entanto, determinado pelo seu grupo portador, que nele reconhece a manifestação de sua identidade e por isso busca sustentar, através de sua manutenção dinâmica, um sentido de continuidade temporal entre o passado e o presente.

Para a catalogação das referências culturais da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação foram elaboradas fichas baseadas nas metodologias desenvolvidas pelo Iphan (INRC) e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais (Iepha). A justificativa para a escolha de ambas repousa em seu reconhecimento como metodologias de alta qualidade para este tipo de identificação cultural.
CATEGORIA: CELEBRAÇÕES

1. FESTA DE NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação nativa preferencial</th>
<th>Festa da Padroeira, Festa da Santa</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Época de ocorrência</strong></td>
<td>30 de novembro a 08 de dezembro</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Locais de ocorrência</strong></td>
<td>Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Informações históricas e descritivas</strong></td>
<td>A festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição foi definida como uma festa universal em 1476, pelo Papa Sisto VI e celebra a vida sem mácula da Virgem Maria. No Brasil, a data de 08 de dezembro é também o dia da celebração de Nossa Senhora Aparecida, em referência à imagem achada por pescadores nas águas do rio Paraíba. A origem e o momento histórico exatos da celebração na Comunidade Prainha Branca (Guarujá-SP) não foram recuperados pela memória dos moradores mais antigos, que afirmam que tal evento sempre existiu. Contam, ainda, que até os anos 70 reverenciavam a Padroeira como Nossa Senhora Aparecida, até que um padre, em visita a região, disse que a imagem que ostentavam na Igreja da comunidade era, na verdade, de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A festa consiste em novena que se inicia em 30 de novembro, realizada na Igreja. Integrantes da comunidade rezam o terço de maneira cantada, em latim. No dia 08 de dezembro (ou no sábado mais próximo desta data), há festa com missa, sorteios de prendas e venda de comestíveis e bebidas para arrecadar fundos para manutenção da Igreja.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Condição Atual</strong></td>
<td>A festa nunca deixou de ser celebrada e segue o mesmo quadro descritivo exposto acima.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Fontes consultadas</strong></td>
<td>História oral da comunidade.</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

### CATEGORIA: CELEBRAÇÕES

#### 2. FOLIA DE REIS

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação</th>
<th>nativa preferencial</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td>Não há</td>
</tr>
</tbody>
</table>

| Época de ocorrência | 06 de Fevereiro (dia consagrado aos Reis Magos) |

| Locais de ocorrência | Cumpre um trajeto indefinido, circulando entre as unidades domésticas. |

<table>
<thead>
<tr>
<th>Informações históricas e descritivas</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>A Folia de Reis, Companhia de Reis ou Terno de Reis, é uma celebração católica simbolicamente vinculada ao Natal, que celebra a visita dos três reis magos ao menino Jesus recém-nascido. A Folia consiste, basicamente, na perambulação noturna de um grupo de pessoas do sexo masculino pelas casas dos fiéis para visitarem os seus presépios e ali entoarem cantigas – às vezes, mulheres participam somente carregando o estandarte. São improvisadas quadrilhas de pé quebrado ou entoadas estrofes decoradas, fazendo menção ao momento e descrevendo as figuras e os enfeites do presépio. Os presépios são de grande importância para a Folia de Reis, e as pessoas costumam caprichar em sua elaboração, abrindo-os para visitações e para a recepção das Folias de Reis. Em geral, o grupo é composto por um mestre e um contramestre, que tocam viola; um alferes, que toca rabeca; um músico de rufo ou tambor, além de um tocador de triângulo. Dependendo do tamanho do grupo, podem também ser utilizados como instrumentos o pandeiro, a sanfona, o violão e o cavaquinho. Ao chegar a uma residência, é realizado o ritual das canções, que tem como estrutura os cânticos de licença ou chegada, os versos de saudação ou louvação e as canções de agradecimento ou despedida. À porta da casa, os foliões entoam uma canção para que sejam convidados a entrar. Os donos da casa recebem a bandeira, considerada objeto sagrado, levando-a para dentro da casa. Muitos passam a bandeira pelo rosto, pelo corpo, ou a levam aos cômodos da casa (cozinha, sala, quartos) para que sejam...</td>
</tr>
</tbody>
</table>
abençoados. As “toadas” ou variações musicais pertencem sempre ao repertório do grupo, podendo ser criadas e modificadas de ano para ano. Já os versos utilizados nas canções de licença ou chegada são compostos pelo mestre ou fazem parte do repertório do grupo há décadas. Ao entrar na casa, o grupo canta novas cantigas, saudando os presentes e louvando as figuras do presépio. Lado a lado com os versos que compõem o repertório do grupo, que também pode ser inovado de ano em ano, normalmente há um grande espaço para a improvisação. Os foliões recebem os donativos dos anfitriões, tais como dinheiro, doces, animais (frango, porco, cabrito) ou bebidas. Os anfitriões também oferecem alimentos e bebidas para os foliões consumirem no local.

| Condição Atual | A Folia de Reis foi retomada na Prainha Branca nos anos 1990 e hoje está modernizada, no que diz respeito ao aspecto musical: músicos de outras cidades participam tocando instrumentos atípicos como flauta transversal e saxofone, mas preserva-se a estrutura das cantigas e do ritual. |
FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

CATEGORIA: SABERES

3. CULINÁRIA CAIÇARA

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação nativa preferencial</th>
<th>Não há</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Época de ocorrência</td>
<td>Em justaposição ao calendário de pesca</td>
</tr>
<tr>
<td>Locais de ocorrência</td>
<td>Toda a comunidade</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Informações históricas e descritivas

É possível afirmar que os pratos tipicamente caiçaras revelam os traços multicultural originados das heranças étnicas que conformaram o caboclo brasileiro, designadamente as tradições indígenas e portuguesas e, em menor proporção, as tradições africanas. A herança indígena pode ser encontrada, sobretudo, nos produtos básicos, enquanto que a herança portuguesa pode ser identificada nos temperos e nos modos de preparo dos alimentos. De acordo com DIEGUES, 2007: “A culinária caiçara apresenta uma grande influência indígena seja na preparação de pratos baseados na farinha de mandioca, seja naqueles em que entram os peixes, carnes de caça. A influência portuguesa também aparece no uso de alguns condimentos de origem ibérica e, sobretudo, na introdução da cana-de-açúcar, da banana (de origem africana)” (DIEGUES, 2007: 2).

Os ciclos da natureza são determinantes para a compreensão da culinária caiçara, uma vez que ela se conecta estreitamente com as atividades de reprodução material e simbólica desse tipo de comunidade. De acordo com DIEGUES (2007): “Isso se deve ao fato de, ao contrário das sociedades urbano-industriais que importam alimentos de longa distância, uma parte considerável dos alimentos é produzida pelos próprios caiçaras seja através da pequena agricultura seja da pesca, da caça e do extrativismo de produtos da mata. Uma vez que essas atividades primárias estão fortemente ligadas aos ciclos naturais como a pesca de determinadas espécies no verão e inverno e as atividades agrícolas sazonais, a disponibilidade de alimentos, em
quantidade e qualidade está ligada a esses ciclos” (DIEGUES, 2007: 1). Na Baixada Santista, a tainha, por exemplo, é abundante no inverno e por isso os pratos feitos à base deste peixe são prioritariamente preparados nesta época. A conexão entre a dimensão simbólica e a dimensão material pode ainda ser compreendida a partir da relação entre o mundo do trabalho e o mundo religioso: “as datas religiosas antes eram parâmetros para atividades agrícolas e de pesca. Por exemplo, o dia de São Pedro indicava o final da safra da tainha (29 de junho); o dia de São Paulo (25 de janeiro) marcava o inicio da safra de camarão; o dia de São Tomé (21 de dezembro) indicava a ata de plantio da banana da variedade São Tomé (...)” (HANAZAKI, 2001: 69).

Tradicionalmente, os modos de preparo dos produtos da atividade pesqueira, da coleta de frutos do mar, da caça e da agricultura de subsistência são variados, envolvendo técnicas de assar, de cozimento e de fritura em utensílios de barro ou de ferro. A mandioca é um dos ingredientes basilares desse tipo de culinária. Seus diversos tipos são utilizados diferencialmente no preparo de variados tipos de farinha e de pirão. Na Prainha Branca, os moradores relatam que os pratos tradicionais da culinária caçara eram a tainha assada na brasa, ao modo indígena, e as ovas de tainha fritas, iguaria bastante apreciada mas que hoje caiu em desuso.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Condição Atual</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>A culinária caçara é rememorada em festas anuais da tainha que, no entanto, não tem ocorrido de maneira consecutiva porque há dificuldades financeiras para seu planejamento.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Fontes consultadas</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>História oral da comunidade.</td>
</tr>
</tbody>
</table>


CATEGORIA: SABERES

4. PESCA ARTESANAL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação nativa preferencial</th>
<th>Não há</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Época de ocorrência</td>
<td>Sazonal, de acordo com as safras de cada produto pescado</td>
</tr>
<tr>
<td>Locais de ocorrência</td>
<td>Áreas próximas à costa e em mar aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Informações históricas e descritivas:

A pesca artesanal, voltada para a subsistência ou para a atividade mercantil, se define em oposição à pesca industrial (ADAMS, 2000). A população rural e ribeirinha da Baixada Santista sempre combinou a agricultura com as atividades de pesca e de coleta de produtos do mangue. Embora a bibliografia consultada não permita fixar com precisão o início da atividade pesqueira desse porte no Guarujá, é razoável supor que a pesca artesanal no local tenha se desenvolvido simultaneamente à fixação de núcleos populacionais pós-coloniais em seu entorno. Associados à baixa produtividade agrícola da região, RIBEIRO NETO & OLIVEIRA (1989) reconhecem a coexistência de dois processos que teriam contribuído para o estabelecimento da pesca artesanal na Baixada Santista: “a existência de um contingente de trabalhadores que conheciam as artes de pesca e que estavam liberados de outras atividades econômicas; e a formação de um mercado consumidor para o pescado capturado, representado pela população urbana de Santos e São Vicente e até mesmo São Paulo, que estava ligada à Baixada Santista por um bom sistema de circulação” (RIBEIRO NETO & OLIVEIRA, 1989: 70). A pesca artesanal é uma atividade complexa, que envolve uma série de conhecimentos: destacadamente, ciência dos ciclos de vida dos recursos biológicos disponíveis e expertise na confecção e uso dos instrumentos e artes e técnicas de pesca. Dessa maneira, é uma atividade cuja aprendizagem é dependente da transmissão oral e por imitação. GEFE, AMORIM et alli (2004), em seu estudo a respeito dos pescadores artesanais da
Baixada Santista, destacam que 76% da amostra de 2.731 pescadores entrevistados declararam que aprenderam a pescar com familiares ou amigos, o que indica a persistência desse tipo de transmissão de conhecimento ao longo das décadas. Todavia, o mesmo estudo indica uma retração da profissão de pescador artesanal entre os jovens, o que pode denotar dificuldades crescentes na transmissão intergeracional da atividade, decorrentes principalmente dos processos apontados anteriormente (baixa rentabilidade em comparação com outras profissões urbanas, baixa rentabilidade derivada da diminuição dos estoques e da depreciação da qualidade dos recursos biológicos devido à poluição do estuário, necessidade de recursos financeiros iniciais para inversão na aquisição de equipamentos necessários à atividade). Do ponto de vista da distribuição de tarefas por gênero, há tradicionalmente uma predominância masculina na atividade: as mulheres dedicam-se à coleta de moluscos e às atividades informais derivadas da pesca artesanal, tais como descascar, limpar e salgar o pescado. Embora ocorresse o ano inteiro, a pesca artesanal na Praia Branca era mais concentrada em fins de maio e começo de agosto (época da tainha) e de outubro a dezembro, quando eram capturados o catáculo, a garoupa e a pescada. A tainha era pescada de maneira coletiva pela comunidade (ainda que houvesse a figura do dono da rede), enquanto as outras espécies eram pescadas individualmente ou por núcleo familiar.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Condição Atual</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Em 2012, apenas 6% da população economicamente ativa da comunidade Praia Branca/Ponta da Armação declarou realizar atividades relativas à pesca artesanal. Tal insignificância da pesca no universo de práticas econômicas da comunidade se deve ao fato de que a indústria pesqueira na Baixada Santista viveu período de exploração desenfreada com grandes barcos e suas redes de arrasto que não respeitavam os períodos de defeso, ou seja, o pescado rareou na área. A árdua tarefa de pescar passou a não compensar já há bastante tempo para os caçarás da Praia Branca/Ponta da Armação.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Fontes consultadas</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>História oral da comunidade.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

CATEGORIA: SABERES

5. SURFE

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação nativa preferencial</th>
<th>Não há</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Época de ocorrência</td>
<td>O ano todo</td>
</tr>
<tr>
<td>Locais de ocorrência</td>
<td>Orla da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação</td>
</tr>
<tr>
<td>Informações históricas e descritivas</td>
<td>A região litorânea do Estado de São Paulo que compreende a Baixada Santista é considerada como o berço do surfe no Brasil. De acordo com as fontes consultadas, durante muito tempo a introdução da prática foi atribuída a Osmar Gonçalves, Silvio Manzoni e João Roberto Suplicy Haffers (Juá Haffers), que teriam construído a primeira prancha, de madeira oca, em 1938, com a qual teriam surfado na praia do Gonzaga, em Santos, até 1944. Todavia, em 2002, essa versão sofreu uma revisão: a introdução do surfe passou a ser atribuída a Thomas Rittscher Júnior, norte-americano morador de Santos que, em 1934, construiu a primeira prancha em madeira oca, que foi utilizada até 1941. Inicialmente restrita a poucos adeptos, o uso das “tábuas havaianas” (como eram denominadas as primeiras pranchas) começou a granjeiar adeptos após a substituição da madeira oca pelo madeirite na confecção das pranchas. Essa substituição tornou-as menores (até essa substituição, as pranchas tinham em média três metros e setenta centímetros de comprimento) e mais leves (as “tábuas havaianas” chegavam a pesar 80 quilos), facilitando o seu transporte e proporcionando melhor mobilidade no mar. Seguindo a tendência internacional, a importação da fibra de vidro para a confecção das pranchas possibilitou que seu design fosse diminuído e modificado (com a introdução de quilhas que garantiam maior estabilidade às manobras), o que as deixou ainda mais leves. Essa adaptação foi acompanhada pela profusão, entre os anos de 1964 e 1966, de pequenas oficinas dedicadas ao mister de “shapear” as pranchas.</td>
</tr>
</tbody>
</table>
No final dos anos 1970, o surfe se profissionalizou como esporte, em âmbito nacional, o que impulsionou ainda mais, devido à visibilidade adquirida, a disseminação de sua prática amadora e informal. Também os materiais para a fabricação de pranchas (plástico e fibras leves) e o design das mesmas sofreram ininterrupta inovação tecnológica, o que incidiu sobre a criação de novas técnicas e estilos de manobras.

O surfe, além de um esporte, pode ser considerado um fenômeno cultural, na medida em que sua prática está associada à produção e reprodução de uma série de elementos simbólicos e materiais. A comunidade de praticantes é detentora de técnicas específicas – que vão desde a fabricação de pranchas (“shapear”) até modos de executar manobras sobre as ondas -, de um linguajar particular e de vestimentas características, além de compartilhar a freqüência a locais pré-determinados, podendo ser classificada como uma ‘tribo’ moderna.

São inúmeros os tipos de prancha utilizados. Entre os mais importantes, podem ser destacados: longboard (pranchas grandes, que tiveram seu apogeu até a década de 1970), gun (modelo havaiano, preferencialmente utilizado para realizar manobras em ondas grandes) e as pranchinhas (modelo mais disseminado entre profissionais e amadores que, devido à sua leveza, permite maior velocidade e mobilidade). As técnicas para as manobras dentro da água também foram sendo aperfeiçoadas com o tempo. As manobras básicas podem ser exemplificadas pela rasgada (em que o surfista inverte a prancha e se posiciona de frente para a onda), pelo floater (o surfista desliza sobre a crista da onda) e pelo tubo (o praticamente desliza dentro da onda). As manobras se adaptam às diferentes condições do mar (tamanho, quantidade e força das ondas) e do vento, o que pressupõe um conhecimento prático adquirido.

Tradicionalmente, seu aprendizado ocorre de maneira informal; mas, atualmente, existem várias escolas de surfe na cidade de Santos. Apesar de historicamente ter-se constituído como uma prática eminentemente masculina, o surfe nunca excluiu a participação das mulheres, o que pode ser percebido pela profissionalização também de circuitos femininos do esporte.
Condição Atual

O surfe é praticado na Prainha Branca/Ponta da Armação desde os anos 1970, já que o mar de ondas fortes é perfeito para a prática. Atualmente, há uma subutilização da prática no que diz respeito ao seu potencial socioeconômico. Algumas tentativas de implementar escolas de surfe e oficinas de prancha já forma feitas e um novo projeto para tais atividades deve ser executado em breve, segundo informações prestadas pelo gestor da APA Litoral Centro. A Prainha Branca/Ponta da Armação mantém-se como um local apreciado pelos surfistas e angariou maior fama a partir dos feitos de dois surfistas adolescentes locais, Deivid Silva (atual bicampeão brasileira da categoria mirim) e Eduardo Motta (que compete na categoria petit) vêm se destacando no circuito amador preparatório para as categorias profissionais. David Silva já surfou na Austrália e no Havaí, mantém contrato regular de patrocínio e é alvo frequente de reportagens na mídia especializada.

Fontes consultadas

História oral da comunidade.
# FICHA DE REFERÊNICA CULTURAL

**CATEGORIA:** LUGARES

## 6. LAGOA DA CACHOEIRA

<table>
<thead>
<tr>
<th>Designação nativa preferencial</th>
<th>Lagoinha</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Época de ocorrência</strong></td>
<td>Foi aterrada nos anos 1980</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Locais de ocorrência</strong></td>
<td>Território tradicional da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Informações históricas e descritivas</strong></td>
<td>A Lagoa da Cachoeira consistia em uma piscina natural formada pelo represamento das águas de uma nascente que descia pelo contraforte que margeia o território. A Lagoa era considerada pela comunidade sobretudo como um local de lazer, embora atividades práticas como lavagem de roupa e higiene pessoal também fossem ali realizadas. Nos anos 1980, um elemento estranho à comunidade que adquiriu terras na localidade, Evandro Mesquita, aterrou a Lagoa. Os moradores denunciaram o fato às autoridades, mas Evandro conseguiu testemunhas para dizer que a Lagoa nunca existiu (cabe mencionar que há registros fotográficos que comprovam sua existência). A história mais mencionada – e com muito pesar - pelos moradores é a de uma criança que se afagou na Lagoa e, anos depois, seu pai testemunhou em favor de Evandro contra a existência da Lagoa.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Condição Atual</strong></td>
<td>Não existe mais.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Fontes consultadas</strong></td>
<td>História oral da comunidade.</td>
</tr>
</tbody>
</table>
CROQUI HISTÓRICO DE USO DO TERRITÓRIO

O croqui histórico de uso do território apresenta um retrato da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação no que diz respeito à utilização do espaço e às atividades econômicas ali desenvolvidas.

Trata-se, obviamente, de um recorte da realidade, uma abstração temporal extraída das informações coligidas por meio da metodologia de Mapeamento Participativo – uma rememoração dos lugares e atividades praticadas em tempos passados durante caminhada feita pelos moradores escolhidos como informantes juntamente com os pesquisadores envolvidos.

O croqui deve ser visto como uma ilustração para o capítulo denominado “Modo de Vida Tradicional”, constante nesse laudo.
FICHAS DE MORADIAS

As fichas de moradia¹ que se seguem foram elaboradas de maneira a espelhar informações coligidas por meio dos questionários aplicados em campo, a fim de responder às exigências contidas na Especificação Técnica que norteia esse trabalho.

São objetos da ficha tanto informações sobre as moradias quanto sobre os moradores. No primeiro caso, podemos averiguar a idade do imóvel os materiais utilizados na sua construção, sua finalidade, tempo e forma de aquisição e a sua localização geográfica. Quanto aos moradores, encontramos informações sobre idade e ocupação, além de uma breve caracterização do histórico de vivência e mobilidade dos moradores na comunidade.

Os dados recolhidos permitiram ainda classificar os moradores entre tradicionais e não tradicionais, de acordo com a correspondência do núcleo familiar com famílias tradicionais identificadas pelos Diagramas de Parentesco 1 a 7 apresentados no corpo desse laudo.

¹ Foram identificadas 119 ocupações. Dessas 104 foram entrevistadas. As 15 que ficaram sem fichas se referem a 8 casas de veraneio e 7 moradias onde os responsáveis ou se recusaram a participar da pesquisa ou não foram encontrados nos dias de visitação. Entre as casas de veraneio, cita-se o Sr Evandro Mesquita, que não foi localizado nem por telefone.
DIAGRAMA 01

Família Neto e Flavio
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.128.604 E / 7.359.978.937 S

IMAGENS

Não autorizou a retirada de fotos.

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe (&quot;Muito tempo&quot;)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISEIÇÃO</td>
<td>Herança (Avô Luis)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim (não especificado)</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMIENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>35 anos, aproximadamente.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Roseli da Silva dos Santos</td>
<td>47</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Hélio Flávio dos Santos</td>
<td>50</td>
<td>Ajudante geral na banca de peixes na ponta da praia, Em Santos.</td>
</tr>
<tr>
<td>Name</td>
<td>Age</td>
<td>Occupation</td>
</tr>
<tr>
<td>-----------------------------</td>
<td>-----</td>
<td>-----------------------------</td>
</tr>
<tr>
<td>Odair da Silva dos Santos</td>
<td>19</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Fabiano da Silva Flávio</td>
<td>25</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Alessandro da Silva Flávio</td>
<td>23</td>
<td>Bombeiro, em Riviera e Bertioga</td>
</tr>
<tr>
<td>Gerson da Silva Flávio</td>
<td>28</td>
<td>Alto mar</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Roseli reside na Prainha Branca desde que nasceu. Mora no mesmo terreno, porém na infância viveu em uma casa de barro, e, posteriormente, morou em uma de madeirite construída no mesmo local. Casou-se com Hélio Flávio dos Santos e, então, passou a residir em sua moradia atual.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X)</td>
<td>(                          )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384085E / 7359951S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Segunda residência</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Wellington Corrêa</td>
<td>34</td>
<td>Guarda civil</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Wellington Corrêa nasceu e foi criado na Prainha Branca. Há 15 anos construiu a casa de sua posse no terreno no pai, Idário Corrêa. Trabalha em Bertioga como guarda civil, e em razão da dificuldade de deslocamento diário em função do trabalho, mudou-se para o município de Bertioga há 1 ano.

Em função de sua ausência, aluga quartos de sua casa em feriados e durante a temporada como forma de complementar a renda.

Apesar de não residir na Prainha Branca, visita a comunidade todos os finais de semana.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(  x  )</td>
<td>(  )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122.645 E / 7.359.976.866 S

IMAGENS

Não autorizou a retirada de fotos.

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira reciclada</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, ainda inacabada</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de domínio do terreno</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Cláudia Ribeiro da Silva</td>
<td>34</td>
<td>Coordenadora educacional</td>
</tr>
<tr>
<td>Rogério Pedro da Silva</td>
<td>34</td>
<td>Inspetor de alunos</td>
</tr>
<tr>
<td>Vitoria Ribeiro da Silva</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Isabela Ribeiro da Silva</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Claudia Ribeiro da Silva é natural de São Paulo, e reside na comunidade há 16 anos. Veio para o Guarujá quando se casou e vive em sua atual moradia há 15 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(x)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.084E/ 7.359.952 S

IMAGENS

Não Autorizou

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe (“Muito tempo”)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (construiu a moradia)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Usos e frutos</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Aproximadamente 20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Grimaldo Pedro da Silva nasceu na Prainha Branca e reside em sua moradia há, aproximadamente, 20 anos. Antes, morou em uma casa pertencente ao mesmo terreno.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384205 E/ 7360046 S

**IMAGENS**

![Imagens](image1.jpg) ![Imagens](image2.jpg) ![Imagens](image3.jpg)

**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**3. OCUPAÇÃO E USO**

| TIPO (OU USO) | Moradia |
TEMPO DE OCUPAÇÃO 15 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Benedito dos Santos</td>
<td>42</td>
<td>Servidor Público</td>
</tr>
<tr>
<td>Laurícéia dos Santos Flávio Santos</td>
<td>41</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Rodrigo Flávio dos Santos</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Rodolfo Flávio dos Santos</td>
<td>22</td>
<td>Eletricista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Bendito dos Santos nasceu em Guarujá, passou a morar na Prainha Branca quando se casou com Laurícéia dos Santos Flávio, nativa do local. Atualmente divide o terreno com a irmã da esposa, Tânia dos Santos Flávio.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(x)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384146 E/ 7360068 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Entre 19 e 20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Contrato de compra e venda</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

01/07
**TIPO (OU USO)**  
Moradia

**TEMPO DE OCUPAÇÃO**  
10 anos

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Claudenice Oliveira Almeida</td>
<td>40</td>
<td>Monitora ambiental/Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Marildo Flávio</td>
<td>45</td>
<td>Bilheteria da balsa</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Clara Almeida</td>
<td>4</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Jonas Almeida Flávio</td>
<td>6</td>
<td>Estudantes</td>
</tr>
<tr>
<td>Miguel Almeida Flávio</td>
<td>13</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

![Genealogical Diagram](image)

### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR:

Diagrama 1

**HISTÓRICO DE MOBILIDADE**

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384270E / 7360049S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Descrição</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>36 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista (madeira e alvenaria)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (doação)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Registro em cartório</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Descrição</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO (OU USO)</td>
<td>Moradia e camping</td>
</tr>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>51 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Adilson Xavier Corrêa</td>
<td>51</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Florência Xavier Corrêa</td>
<td>76</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
<tr>
<td>Ivanil Xavier Corrêa</td>
<td>47</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
# FICHA DE MORADIA

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384084E / 7359881S

## IMAGENS

![Imagens da propriedade](image1.jpg) ![Imagens da propriedade](image2.jpg) ![Imagens da propriedade](image3.jpg)

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>36 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, em 1986</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>60 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Nilda Jorge Corrêa</td>
<td>43</td>
<td>Ajudante geral</td>
</tr>
<tr>
<td>Dionísio Corrêa</td>
<td>53</td>
<td>Autônomo</td>
</tr>
<tr>
<td>Dásio Corrêa</td>
<td>27</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Denilda Corrêa</td>
<td>25</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Isabelly Corrêa Barbosa</td>
<td>2</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**GENEALOGIA**
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Nilda morou com os pais até os 16 anos, em uma casa localizada no terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

Em 1984 Nilda e Dionísio se casaram e se mudaram para a casa onde hoje residem. A casa era antes ocupada por Dona Marta, mãe de Lourenço, que passou a morar em uma nova construção no mesmo terreno.

Em 1986 a casa foi reformada, e a madeira substituída por alvenaria.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384185E / 7360127S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMNETO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e comércio</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
### Genealogia

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Floriano Flávio Corrêa Filho</td>
<td>52</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Helena dos Santos Corrêa</td>
<td>46</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Floriano Flávio Corrêa Neto</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 01

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Quando criança, Floriano Filho morou com a família na casa de Dilza dos Santos Corrêa, construída com pau-a-pique. A casa passou por alterações de construção, com a substituição gradual do barro por alvenaria.

O terreno onde vive sua família pertence à família Lemos, e a área de Floriano lhe foi cedida por sua avó, Zenaide Moraes.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384122 E/ 7359693 S

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)        | Moradia                                           |
TEMPO DE OCUPAÇÃO

30 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Silvia Faustino dos Santos</td>
<td>74</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Silvia morou no Guarujá quando criança, se mudou para a Prainha Branca com 12 anos de idade, e desde então não residiu em outra localidade.

A casa onde mora hoje é resultado de acordo com Evandro Mesquita, que construiu a edificação. Silva reformou a casa, manteve a madeira como material, e melhorou a estrutura da construção.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.141E / 7.359.706 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>28 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim, “acordos”.</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>28 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Teodora Antonia dos Santos Flávio</td>
<td>68</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Márcio dos Santos Flávio</td>
<td>35</td>
<td>Operador de lancha</td>
</tr>
<tr>
<td>Leonardo Conceição Flávio</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Lucas Lemos Flávio</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Guilherme Lemos Flávio</td>
<td>07</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Luciana Lemos Flávio</td>
<td>33</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Teodora chegou à Prainha Branca em 1954, com 10 anos de idade. Veio do Montão de Trigo com os pais.

Na época Evandro Mesquita construiu uma casa para a família morar, onde mora atualmente, num terreno de 800m², e derrubou a casa antiga no terreno de 3 mim m².

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384190 E/ 7360025 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL
<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO
<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>19 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mauricio dos Santos Flávio</td>
<td>46</td>
<td>Coletor domiciliar</td>
</tr>
<tr>
<td>Jane Altino Oliveira Flávio</td>
<td>43</td>
<td>Arrecadadora pedágio</td>
</tr>
<tr>
<td>Igor de Oliveira Flávio</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Davi de Oliveira Flávio</td>
<td>13</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Pedro de Oliveira Flávio</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Mauricio dos Santos Flávio nasceu na Prainha Branca. Até os 17 anos, morou com os pais, num terreno de 40.000m², pertencente a gleba. Em 1982, sua família foi obrigada a sair do local, devido um acordo entre Evandro e o irmão de seu pai – Manoel Flávio. Neste ano, passaram a residir na casa, construída pelo Evandro, ao lado da atual mansão do mesmo. Dessa forma, se tornaram dependentes da gleba.
3, num terreno de 700m². Mauricio morou nessa residência até 1992, quando se casou com Jane Altino Flávio e juntos passaram a residir no atual domicílio.

<table>
<thead>
<tr>
<th>CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES</th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MORADORES TRADICIONAIS</td>
<td>( x )</td>
</tr>
<tr>
<td>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
DIAGRAMA 02
Família Lemos
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.154.056 E / 7.359.979.105 S

IMAGENS
Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>45 anos, aproximadamente.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (do marido)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>05 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Vera Lúcia Conceição</td>
<td>43</td>
<td>Manicure e depiladora</td>
</tr>
<tr>
<td>Name</td>
<td>Age</td>
<td>Occupation</td>
</tr>
<tr>
<td>-----------------------------</td>
<td>-----</td>
<td>------------------</td>
</tr>
<tr>
<td>Gilmar Lemos</td>
<td>53</td>
<td>Ajudante de pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Vitória Santos de Matos</td>
<td>13</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Emanuel Isac</td>
<td>01</td>
<td>Sem ocupação</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Vera Lúcia é casada com Gilmar Lemos, nascido na comunidade da Prainha Branca e cuja família é tradicional do território. Mudou-se para o local no período do matrimônio e antes morou em São Paulo, durante os anos de 1979 e 2006, e, posteriormente, em Bertioga, para depois se mudar para a Prainha Branca, onde reside há 5 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384209E / 7360081S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>60 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo (ou uso)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>50 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Vanda José Lemos Santos</td>
<td>58</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Benedita Camilo Lemos</td>
<td>83</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
<tr>
<td>Norberto José Lemos</td>
<td>90</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Vanda Lemos morou com os pais na casa onde funciona a pousada Raio de Sol até 1960, quando se mudaram para o terreno onde hoje residem. A área pertencia a Narciso Lemos, pai de Norberto. A construção era de pau-a-pique e teto de barro.

Vanda Lemos fora da Prainha Branca na Década de 70, quando morou 2 anos no Paraná, 2 anos em São José dos Campos, e pequenos períodos em Santos e cidades de Minas Gerais e Espírito Santos. O período de ausência soma 10 anos, depois dos quais retornou à Prainha Branca e ali permaneceu.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(                           )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FIÇHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384180 E/ 7360052 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>19 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia, pousada e restaurante</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>19 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Marislei Lemos de Lima Cassetta</td>
<td>39</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Edson Luis Cassetta</td>
<td>47</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Paohla Lemos de Lima Cassetta</td>
<td>16</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Felipe Lemos de Lima Cassetta</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Marislei Lemos nasceu na Prainha Branca. Aos 14 anos mudou-se com os pais para Itatinga, onde conheceu o atual esposo e casou-se em 1989.
Em 1997 voltou para Prainha Branca e desde então mora no terreno comprado de seu tio, Norberto Lemos. Devido o tombamento do IPHAN a moradora se diz em constante conflito com diversos órgãos oficiais. Contou que a Secretaria do Meio Ambiente já notificou sua casa, dando-lhe um prazo de 72 horas para a demolição. Segundo a moradora essa legislação não lhe cabe, já que sua construção foi findada há 10 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
384 147 E / 7 360 064 S

IMAGENS
Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra (família Lemos)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim (não sabe o tipo)</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Graciela Corrêa de Oliveira</td>
<td>30</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Marco Vinícius Oliveira de Lima</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Guilherme Oliveira Vaz de Lima</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Grazielli Oliveira Vaz de Lima</td>
<td>06</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Lucas Oliveira Vaz de Lima</td>
<td>02</td>
<td>Sem ocupação</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

384 134 E / 7 360 004 S

IMAGENS

Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>09 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>9 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ronaldo Pedro da Silva</td>
<td>40</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ronaldo Pedro da Silva sempre morou na Prainha Branca. Até 1992, ano de seu casamento, morou com a mãe (Cecília Lemos da Silva) em uma casa de madeira reciclada localizada no mesmo terreno onde hoje vive. O terreno pertencia a José Lemos, seu avô, e ficou como herança para a família de Ronaldo.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(                           )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FI CHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384123 E/ 7360500 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>34 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Tatiane Lins de Oliveira</td>
<td>33</td>
<td>Merendeira</td>
</tr>
<tr>
<td>Valclei Lemos Mota</td>
<td>37</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Larissa de Oliveira Motta</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Alison de Oliveira Motta</td>
<td>13</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Tatiane Lins de Oliveira nasceu na Prainha Branca, assim como seu esposo. A atual casa do casal pertence aos pais de Tatiane. Por oito anos o casal morou na casa da mãe de Valclei, Pérsia Neto Bento, também na Prainha Branca. A casa não é alvo de especulação atualmente, contudo Tatiane lembra que quando criança houve conflito envolvendo o terreno dos pais.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FIÇHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): marcação não autorizada

IMAGENS
Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>17 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>17 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Denise de Oliveira Mota</td>
<td>47</td>
<td>Merendeira</td>
</tr>
<tr>
<td>Nome</td>
<td>Idade</td>
<td>Cargo</td>
</tr>
<tr>
<td>---------------------------</td>
<td>-------</td>
<td>----------------</td>
</tr>
<tr>
<td>Ataíde Lemos Mota</td>
<td>57</td>
<td>Ajudante geral</td>
</tr>
<tr>
<td>Dener de Oliveira Mota</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Quando solteira Denise de Oliveira Mota residia com a mãe, Carmelinda, em uma casa de madeira construída no terreno da família Oliveira.

Depois de casada Denise passou a morar no terreno da família Lemos, em uma casa em frente à praia. Ficou nessa residência até 1994, enquanto era construída a casa onde hoje mora.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(  )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384200 E/ 7359944 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Mais de 15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Elisete Aparecida Lemos Mota</td>
<td>55</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Fábio Lemos Vieira</td>
<td>32</td>
<td>Ajudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Os pais de Elisete Aparecida Lemos nasceram na Prainha Branca, quando do nascimento da filha mudaram-se para Bertioga, onde permaneceram por um ano. Após a chegada na Prainha Branca, Elisete só saiu da comunidade para trabalhar em São Paulo, durante três anos visitava a comunidade nos finais de semana, quando resolveu voltar, em 1975.

Quando solteira, morou na casa de taipa com a mãe, Osamarina Lemos, na beira da Praia. Atualmente mora no mesmo terreno que as irmãs e a mãe residem. E constantemente sofrem com a especulação imobiliária, inclusive do Evandro Mesquita que através de representante tenta comprar a área.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384148E / 73604545S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe informar</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>11 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Fernanda Lemos Vieira</td>
<td>30</td>
<td>Cabeleireira</td>
</tr>
<tr>
<td>Alexandre de Oliveira Alves</td>
<td>39</td>
<td>Guarda Vidas</td>
</tr>
<tr>
<td>Cauê Vieira Alves</td>
<td>08</td>
<td>Estudantes</td>
</tr>
<tr>
<td>Ramon Vieira Alves</td>
<td>1 ano3 meses</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Fernanda morava próxima a praia junto com sua mãe Elizete, em um terreno de propriedade da Dona Osmarina. Viveram ali por quatro anos. Elizete se casou e mudaram para São Paulo, após a separação da mãe retornaram para Prainha Branca. Quando Fernanda se casou, mudou-se para a casa em que vive hoje.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384158E / 7360065S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICAS</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>18 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)         | Moradia                      |
| TEMPO DE OCUPAÇÃO     | 15 anos                      |
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Marcilene Lemos de Lima</strong></td>
<td>38</td>
<td>Comerciante e costureira</td>
</tr>
<tr>
<td>Luiza de Lima Flávio</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Leone de Lima Flávio</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Hugo de Lima Flávio</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Mateus de Lima Flávio</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Gustavo de Lima Flávio</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

```
Narciso
Lemos
Justo
Lemos
Maria
Marques
Lemos
Maria
Romilda
Lemos
Zeli
Lemos
Onírio
Lemos
crineuza
Lemos
dos
Santos

Mauricio
Vaz de
Lima

Angelina

Maria
Margida
Lemos

Zeli
Lemos

Onírio
Lemos

Crineuza
Lemos
dos
Santos

Marlilei
Lemos
Casetta

Marco
Aurelio
Lemos
Vaz
de
Lima

Marcilene
Lemos
das
Silva

João
Carlos
Flávio

Luiza
de
Lima
Flávio

Leone
de
Lima
Flávio

Hugo
Mateus
Gustavo
```
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marcilene Lemos de Lima morou fora da Prainha Branca quando criança, quando ficou 9 anos em São Paulo.

Antes de morar em sua atual residência, Marcilene morou com os pais em casa no terreno vizinho, onde hoje funciona a pousada de Larica’s. O terreno foi vendido em 1995, e Marcilene passou a morar em casa construída em terreno de sua mãe, Maria Romilda Lemos.

Hoje reside com os filhos e exerce atividade produtiva na Prainha Branca.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384251E / 7359957S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)                          | Moradia                                  |
| TEMPO DE OCUPAÇÃO                      | 15 anos                                  |
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ivanete Lemos dos Santos</td>
<td>40</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Fabrício dos Santos Gonçalves</td>
<td>24</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Os dois residem em uma edificação antes utilizada como casa de gerador em terreno da família de Ivanete, que após desativada passou a ser usada como habitação.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(                          )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
DIAGRAMA 03

Família Hermógenes de Oliveira
FIÇHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384264 E/ 7360050 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Descrição</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>17 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo (ou Uso)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>17 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Silvano Neves Lêdo</td>
<td>53</td>
<td>Escritor</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Paula Americo Lêdo</td>
<td>50</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Sofia Neves Lêdo</td>
<td>25</td>
<td>Cabeleireira</td>
</tr>
<tr>
<td>Iara Caroline Lopes Lêdo</td>
<td>28</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Enzo Gabriel Lêdo de Paula</td>
<td>09</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Emilia Lêdo de Paula</td>
<td>07</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Elisa Lopes Lêdo</td>
<td>05</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Pietro Damazio Lêdo</td>
<td>5 meses</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Silvano Neves Lêdo nasceu na Prainha Branca, quando criança morou com os pais, em casa localizada no mesmo terreno onde mora atualmente e desenvolve a atividade de camping, pousada e comércio. O terreno da família está sob processo, movido pelo Evandro Mesquita.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384165 E/ 7359929 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>23 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>23 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Conceição Oliveira de Almeida</td>
<td>63</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Miguel Joca de Almeida</td>
<td>72</td>
<td>Padeiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Conceição Oliveira de Almeida nasceu na Prainha Branca. Quando criança morou numa casa em frente à Praia, local onde reside Evandro Mesquita. Ali permaneceu até meados dos anos 80, quando vendeu o terreno para o Evandro Mesquita e foi morar no interior de São Paulo, com marido e filhos. Lá ficaram por três anos, quando voltou à comunidade, passou a morar na casa em frente à Pousada Laricas, que já não existe mais. Já no final da década de 80 construiu a atual casa, no terreno herdado de sua mãe, Benedita Mota de Oliveira, onde vive até hoje com o esposo.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(                           )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384164E / 7360443S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>49 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim.</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISEÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>49 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Dionísia Alves de Oliveira</td>
<td>75</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
<tr>
<td>Nome</td>
<td>Idade</td>
<td>Profissão</td>
</tr>
<tr>
<td>-------------------------------------</td>
<td>-------</td>
<td>------------------</td>
</tr>
<tr>
<td>Alcione César Gonçalves de Barros</td>
<td>33</td>
<td>Dona de Casa</td>
</tr>
<tr>
<td>José Cícero Leite</td>
<td>42</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Marina de Barros Leite</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Caio Rodrigues de Barros</td>
<td>18</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Arthur Pedro de Barros Leite</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Alice de Barros Leite</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>João Paulo de Barros Leite</td>
<td>04</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Assis César Gonçalo de Barros</td>
<td>33</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dionísia nasceu na Prainha Branca, e morava com os pais em terreno onde hoje mora Josias, em uma casa de pau-a-pique.

Seu pai, Pedro Alves de Oliveira, era carpinteiro e pescador, e mudou-se para Guarujá após o divórcio. A segunda esposa de Pedro vendeu a casa onde Dionísia e suas irmãs moravam para Evandro Mesquita. Representantes de Evandro Mesquita pressionaram a família a sair do local, e em 1962 mudou-se para a casa onde hoje vive Dionísia.

A casa foi construída com madeira, e passou por 4 reformas nos últimos 49 anos. As alterações foram para a gradual substituição da madeira por alvenaria.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384241 E/ 7360125 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Doação do antigo dono</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Comodato com Evandro Mesquita</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO
TIPO (OU USO) | Moradia, pousada e campings
TEMPO DE OCUPAÇÃO | 2 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ariosvaldo de Araújo</td>
<td>67</td>
<td>Empreiteiro/comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Roberta Cassiano dos Reis</td>
<td>34</td>
<td>Operadora de telemarketing</td>
</tr>
<tr>
<td>Henri dos Reis</td>
<td>13</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Henriane dos Reis</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Renan dos Reis</td>
<td>2</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ariosvaldo de Araújo nasceu em Guarujá, onde morou até os 41 anos de idades. Em 1985 veio para Prainha Branca morar com Doracléia, na casa onde ela era caseira, atual local de residência do Ariosvaldo e as filhas de Doracléia. Assim que chegou à Prainha Branca, Ariosvaldo solicitou ao proprietário do terreno - advogado residente em Santos - autorização para o desenvolvimento de camping no local. Aceito o pedido, o casal deixou de receber pagamento de caseiros e passaram a depender do camping, quartos e comércio desenvolvidos no local. Com a morte do proprietário, Ariosvaldo descobriu que o terreno havia sido vendido para um terceiro, que liberou o uso do terreno sem pedir nada em troca. Contudo, anos depois, o Evandro Mesquita solicitou através da justiça as terras onde reside Ariosvaldo e as filhas de Doracléia, alegando pertencerem ao espólio de Corrêa Porto. De forma a sanar qualquer problema, Ariosvaldo assinou um termo de comodato com Evandro e continua a utilizar as terras para moradia e renda.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384183 E/ 7360032 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Aproximadamente 35 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
</table>
TEMPO DE OCUPAÇÃO 35 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Maria Irene dos Santos Oliveira</td>
<td>56</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Florentino de Oliveira</td>
<td>60</td>
<td>Pedreiro/coveiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Alex de Oliveira</td>
<td>31</td>
<td>Pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Silmara de Oliveira</td>
<td>24</td>
<td>Babá</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Maria Irene nasceu em Santa Catarina. Após a separação dos pais, aos 11 anos de idade, foi morar no Montão do Trigo. Em busca de trabalho, aos 13 anos, optou por morar na Prainha Branca, onde residiu com o casal Rosalina e Luís Lemos, até se casar com o Florentino de Oliveira. Segundo a entrevistada, todo o terreno pertence ao esposo, que doou pedaços de terra para as pessoas que “perderam” suas casas para Evandro.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.162 E/ 7.359.915 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>22 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>08 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Lilian de Oliveira de Sousa</td>
<td>29</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Leandro Silva de Sousa</td>
<td>27</td>
<td>Repositor de mercadoria</td>
</tr>
<tr>
<td>Lyvia de Oliveira Silva</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**GENEALOGIA**

**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 3

**HISTÓRICO DE MOBILIDADE**

Lilian nasceu na Prainha Branca. Antes de fixar-se na casa atual, morou com a mãe D. Irene na mesma localidade. Sempre que pode participa das reuniões convocadas pela Associação para saber dos assuntos de interesse comum.

**CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FIÇHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.252E/ 7.360.049 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDENTADE</th>
<th>55 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>55 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Zoraide de Oliveira Lêdo</td>
<td>76</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Zoraide, originaria do Montão de Trigo, chegou à Prainha Branca com aproximadamente 6 anos de idade. Junto com os pais, morou onde atualmente construiu quartinhos para alugar.

Ainda hoje mora no mesmo terreno onde residia com os pais, onde além de sua casa, mantêm quartos para alugar, espaço para camping, a casa do filho e um comércio de responsabilidade do filho Silvano.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384222E / 7359639S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>1984</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 2011</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Posse</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Jadir Maciel de Oliveira</td>
<td>53</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Vanda de Oliveira</td>
<td>50</td>
<td>Pescadora</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Nesse ano, a construção foi autuada pela Prefeitura Municipal de Guarujá e posteriormente foi demolida. Jadir entrou com processo contra a Prefeitura, e em decorrência do prejuízo da ação foi levado a deixar a Prainha Branca.
Mudou-se para Ubatuba, local que favorecia a atividade pesqueira, mas morava de aluguel. Afirma que somente em 2011 conseguiu verba para reconstruir sua casa, e que agora voltou a residir na Prainha Branca.

Apesar da ausência, Jadir possui vínculo familiar com pessoas da Prainha.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(                           )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384172E / 7359932S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>30 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 2007</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (posse do Estado)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Edson Diniz de Oliveira</strong></td>
<td>50</td>
<td>Arrecadador/ corretor de imóveis</td>
</tr>
<tr>
<td>Silvéria Bento de Oliveira</td>
<td>49</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Claudenis de Oliveira</td>
<td>31</td>
<td>Coletor</td>
</tr>
<tr>
<td>Francine Mendes Siqueira</td>
<td>32</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Verônica de Oliveira Guerra Mota</td>
<td>27</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Leonardo de Oliveira Guerra Mota</td>
<td>31</td>
<td>Auxiliar administrativo</td>
</tr>
<tr>
<td>Erik de Oliveira Guerra Mota</td>
<td>5</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Evelin de Oliveira Guerra Mota</td>
<td>1</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3.

GENEALOGIA
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Edson Diniz de Oliveira residiu durante toda sua vida na Prainha Branca. Antes de se casar morava na casa dos pais, localizada no mesmo terreno onde construiu sua casa atual.

A casa foi construída com Madeirit, e passou por reformas graduais para a substituição do material por alvenaria. A última reforma ocorreu em 2007, e consistiu no aumento do número de cômodos em função do crescimento da família.


Os filhos do casal nasceram e foram criados na Prainha Branca.

Possui título de posse do terreno de sua casa, que corresponde a um espaço de 500m².

Edson realiza deslocamento sazonal em função de seu trabalho, que atualmente é desempenhado em Bertioga.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384175 E / 7359923 S

IMAGENS
Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DESCRIPÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>TEMPO DE OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Moradia</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Alexandre Santos Oliveira</td>
<td>27</td>
<td>Porteiro noturno</td>
</tr>
<tr>
<td>Silvana Santos Oliveira</td>
<td>29</td>
<td>Atendente</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Alexandre Santos Oliveira e Silvana Santos Oliveira são irmãos, e sempre moraram na Prainha Branca.

A casa onde hoje residem foi construída em terreno da família, e a área por eles utilizada faz parte da herança deixada pelo bisavô, Maciel Ermógenes de Oliveira.

A casa foi construída com madeira, material posteriormente substituído por alvenaria.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384089E / 7359937S

### 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DESCRIÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>IDADE</strong></td>
<td>35 anos</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>MATERIAIS</strong></td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>REFORMAS</strong></td>
<td>Sim.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>FORMA DE AQUISIÇÃO</strong></td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DOCUMENTAÇÃO</strong></td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</strong></td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</strong></td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DESTINO DO LIXO</strong></td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>35 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Regina de Fátima</td>
<td>53</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Idário Corrêa</td>
<td>56</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Williams Marçal Corrêa</td>
<td>30</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Beatriz de Sousa Corrêa</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Vanessa de Sousa</td>
<td>30</td>
<td>Cabeleireira</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Regina de Fátima morou em Parati até 1976, quando se casou com Idário Corrêa e passou a morar na Prainha Branca. Desde então, mora na mesma casa na comunidade.
Idário Corrêa é natural da Prainha Branca, sem nunca ter residido em outra localidade. Morou com os pais durante a infância e juventude, em um terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

A família foi retirada do local onde vivia, e em troca os pais receberam um terreno na periferia do município de Guarujá, onde seu pai veio a falecer.

No terreno da casa de Idário e Regina foram construídas duas casas, de posse de seus filhos, e quartos alugados durante a temporada.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
DIAGRAMA 04

Família Bento de Oliveira
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.281.113 E / 7.360.198.939 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>DESCRITIVO</th>
<th>DETALHE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>24 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (do sogro)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Posse do terreno</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO
TIPO (OU USO) | Segunda residência (finais de semana)
TEMPO DE OCUPAÇÃO

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mareli Bento de Oliveira</td>
<td>49</td>
<td>Analista Técnica, Pedagoga</td>
</tr>
<tr>
<td>Amauri Bento de Oliveira</td>
<td>53</td>
<td>Mensageiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Aline Bento de Oliveira</td>
<td>28</td>
<td>Auxiliar de Biblioteca</td>
</tr>
<tr>
<td>Andressa Bento de Oliveira</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Eduarda de Oliveira Santos</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Luiz Gustavo de Oliveira Santos</td>
<td>02</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.272 E / 7 360.209 S

IMAGENS
Não autorizadas

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>60 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outro</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>60 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Dionéia dos Santos Oliveira</td>
<td>70</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dionéia dos Santos de Oliveira veio com os pais de São Vicente para a Prainha Branca em 1951, quando tinha 9 anos de idade. A família morava em uma casa de taipa em outra área. Quando saíram da primeira casa, receberam de Norberto Lemos a área de terra que hoje ocupam. A casa onde passou a morar era de taipa, e foi derrubada e reconstruída por volta de 1961.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384026E / 7359920S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>32 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outro</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Segunda residência</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>32 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Pérsia Neto Bento de Oliveira</td>
<td>54</td>
<td>Cabeleireira</td>
</tr>
<tr>
<td>Renan de Oliveira Mendes</td>
<td>25</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Renê de Oliveira Mendes</td>
<td>25</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Kely de Oliveira Mendes</td>
<td>23</td>
<td>Desempregada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sua mãe possuía terreno em área hoje pertencente a Evandro Mesquita, área antes ocupada pela família de Pérsia por mais de 50 anos. Em 1957 sua família foi retirada da área pelo Evandro Mesquita, que alegava ter adquirido o terreno.
Evandro Mesquita construiu uma casa para que a família fosse realocada em área da Prainha Branca de maior declividade e afastada do mar. No período de retirada da família, chegou a residir por alguns meses na casa de Teodora. Retornaram ao terreno onde moravam num primeiro momento, e ficaram ali alojados por cerca de 2 anos.

Hoje, Pérsia reside na área urbana de Guarujá, e vai todos os finais de semana visitar familiares e amigos.

**CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384111E / 7360360S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>12 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>12 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Oswaldo Neto de Oliveira</td>
<td>51</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Jaqueline Consuelo Barraqueiro Dantas</td>
<td>35</td>
<td>Secretária</td>
</tr>
<tr>
<td>Juliana Dantas da Silva</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Gabriella Tamires Barraqueiro Dantas</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384163E / 7359926S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>21 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>21 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Rosana Fátima de Oliveira Rocha</td>
<td>45</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>José Geraldo Líbano Rocha</td>
<td>48</td>
<td>Encanador</td>
</tr>
<tr>
<td>Oscar de Oliveira Rocha</td>
<td>23</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Gabriel de Oliveira Rocha</td>
<td>21</td>
<td>Guardião cidadão</td>
</tr>
<tr>
<td>Murilo de Oliveira Rocha</td>
<td>16</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rosana de Oliveira Rocha morou com os pais em uma casa de madeira até 1990. Após o casamento, Rosana e o marido José Geraldo mudaram-se para uma casa construída no mesmo terreno, pertencente à família Oliveira.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 163 E / 7 359 926 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe (aproximadamente 20 anos)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Cerca de 20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Carmelinda Maciel de Oliveira</td>
<td>70</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
<tr>
<td>Mara Maciel de Oliveira</td>
<td>43</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carmelinda morou até 1957 com os pais em uma casa de taipa onde hoje é terreno de Evandro Mesquita. De acordo com Carmelinda, Evandro Mesquita retirou a família do terreno onde moravam, e construiu uma casa no morro, para onde foram realocados.

Ao se casar, Carmelinda mudou-se para uma casa no terreno da família de seu marido, Diniz Maciel de Oliveira. O casal permaneceu na mesma casa até 1991, quando passou a residir na atual residência, construída no mesmo terreno.

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 3 84147 E / 736 0 316 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DESCRIÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Não sabe (&quot;muito antiga&quot;)</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado/ Céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>37 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Rosângela dos Santos Jorge</td>
<td>37</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

Rosângela dos Santos Jorge tem 37 anos e reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu, nunca tendo ocupado nenhuma outra moradia.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

| MORADORES TRADICIONAIS | MORADORES NÃO TRADICIONAIS |
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384130E / 73603195 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>16 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISEÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Queimado/Enterrado, céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>16 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Lídia dos Santos Jorge</td>
<td>28</td>
<td>Desempregada</td>
</tr>
<tr>
<td>Kauã Vinícius Jorge Dantas</td>
<td>7</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Bryan Santos Jorge</td>
<td>1</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Yasmin Santos Jorge</td>
<td>5</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Lídia sempre morou na Prainha Branca, primeiro na casa da família, e há 16 anos da casa onde hoje reside com os filhos.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384229 E/ 7360131 S

**IMAGENS**

![Imagens da moradia](image1)

**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Descrição</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>IDADE</strong></td>
<td>6 anos</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>MATERIAIS</strong></td>
<td>Madeira reciclada</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>REFORMAS</strong></td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>FORMA DE AQUISIÇÃO</strong></td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DOCUMENTAÇÃO</strong></td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</strong></td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</strong></td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DESTINO DO LIXO</strong></td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>6 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Gisele Corrêa de Oliveira</td>
<td>35</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Jairo Altino de Oliveira</td>
<td>39</td>
<td>Balconista</td>
</tr>
<tr>
<td>Thiago Altino de Oliveira</td>
<td>06</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gisele Corrêa nasceu na Prainha Branca e morou na casa dos pais, onde atualmente mora a irmã Jucilene, até se casar com Jairo Altino, que também nasceu na Prainha Branca.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384136 E/ 7360316 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>16 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado /céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>16 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Felicina Vieira de Souza</strong></td>
<td>36</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Cláudio dos Santos</td>
<td>41</td>
<td>Pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Franciele de Souza dos Santos</td>
<td>17</td>
<td>Garçonete</td>
</tr>
<tr>
<td>Roger de Souza dos Santos</td>
<td>14</td>
<td>Caminhoneiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Felicina de Souza e Cláudio dos Santos nasceram e foram criados na Prainha Branca. Ambos moraram na casa de familiares quando jovens.

A casa onde moram hoje foi construída há 16, quando se casaram, em terreno do pai de Cláudio, Luis Carlos dos Santos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384229 E / 7360131 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 40 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista – bloco e madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>27 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Jucilene Corrêa de Oliveira</td>
<td>27</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Fábio Altino de Oliveira</td>
<td>38</td>
<td>Despachante</td>
</tr>
<tr>
<td>Daniela Oliveira</td>
<td>04</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Jucilene Corrêa nasceu na Prainha Branca, nunca saiu da comunidade e atualmente mora com o esposo na casa que era dos pais. A atividade de camping é desenvolvida por ela, sua irmã e padrasto, no terreno onde moram, e o dinheiro é compartilhado entre os três. A entrevistada conta que o terreno tem históricos de conflitos, tanto por parte do Evandro, que se diz dono das terras, quanto por parte da advogada, sócia do verdadeiro dono, que tenta reaver as terras.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384179 E/ 7360026 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 80 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>13 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Margarete Altino de Oliveira Corrêa</td>
<td>36</td>
<td>Balconista</td>
</tr>
<tr>
<td>André Luís Dantas Corrêa</td>
<td>37</td>
<td>Bilheteiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Raul de Oliveira Corrêa</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Otávio de Oliveira Corrêa</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Nicoly de Oliveira Corrêa</td>
<td>05</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

![Genealogy Diagram](attachment:genealogy_diagram.png)

### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Margarete Altino sempre morou na Prainha Branca. Até os 10 anos morou na casa em frente a Praia, onde atualmente mora o “Beto”, que foi vendida a um representante do Evandro. Desde então mora no atual terreno, apenas mudou de casa quando se casou, deixando a casa dos pais para morar na casa que pertencia à avó.

**CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384135 E/ 7359930 S

**IMAGENS**

![Imagem 1]

![Imagem 2]

**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco.</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança <em>(terreno do sogro)</em></td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**3. OCUPAÇÃO E USO**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo de uso</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Altino Maciel de Oliveira</td>
<td>72</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
<tr>
<td>Maura de Oliveira</td>
<td>62</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ambos os ocupantes da moradia sempre residiram na Prainha Branca. Altino Maciel residiu com a família em outro terreno localizado na Prainha Branca, terreno esse que foi vendido e hoje faz parte da área de Evandro Mesquita.

A casa onde moram hoje foi construída após o casamento, em terreno da família de Maura.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
# FICHA DE MORADIA

## 1. IDENTIFICAÇÃO

**LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):** 384.246 E / 7.360 433 S

### IMAGENS

![Imagem 1](image1.png)
![Imagem 2](image2.png)
![Imagem 3](image3.png)

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>IDADE</strong></td>
<td>16 anos</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>MATERIAIS</strong></td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>REFORMAS</strong></td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>FORMA DE AQUISIÇÃO</strong></td>
<td>Outro</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DOCUMENTAÇÃO</strong></td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</strong></td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</strong></td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DESTINO DO LIXO</strong></td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>TIPO (OU USO)</strong></td>
<td>Moradia/Camping e pousada</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>TEMPO DE OCUPAÇÃO</strong></td>
<td>16 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Maria José de Oliveira</td>
<td>47</td>
<td>Camping</td>
</tr>
<tr>
<td>Jordan de Oliveira</td>
<td>18</td>
<td>Guarda-vida</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria chegou à Prainha Branca há 15 anos e casou-se com o irmão de Mariana. Morava em outra casa no mesmo terreno, antes de se mudar para onde vive hoje.

A casa em que ela reside era propriedade de José Martins, que antes de morrer vendeu para Evandro.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.182 E / 7.360.429 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>29 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (mãe herdou do avô)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não soube informar</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>29 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Júlio Cesar Gonçalo de Barros</td>
<td>49</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Júlio Cesar Gonçalo de Barros nasceu em 1962, na comunidade da Prainha Branca. Morou com sua mãe, que chegou na comunidade aos 07 anos de idade, no terreno ao lado de sua atual moradia, que foi construída quando tinha 20 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 119 E /7 360. 497 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>34 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Queimado/Enterrro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO) | Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO | 34 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ivete Lins de Oliveira</td>
<td>53</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Osmar Bento de Oliveira</td>
<td>54</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Ismar Lins de Oliveira</td>
<td>25</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Thales Lins de Oliveira</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Ivete morava na casa de sua mãe e seu esposo morava na casa da mãe dele, a Maria dos Santos. O terreno que era de Maria hoje pertence a Evandro. Maria acredita que estava vendendo apenas parte do terreno para Evandro, por não saber ler assinou um documento em cartório que vendia todo o território para ele. Evandro mandou que Maria e sua família deixassem o terreno. Hoje moram na Vila Zilda.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 191 E / 7. 360. 187 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>30 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim (construção de acessos e de muros)</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (cessão)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Contrato</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

04/01
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Lourenço Bento de Oliveira</td>
<td>59</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
<tr>
<td>Elisete Correa da Silva</td>
<td>48</td>
<td>Do Lar</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Lourenço Bento de Oliveira Reside na comunidade desde que nasceu. Morou primeiramente na praia, porém Evandro Mesquita, ex-deputado, comprou sua casa.
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.060 E / 7.360.435 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não lembra (mais de 40 anos)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (empréstimo)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>40 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

04/02
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Izabel Edmunda Bento de Oliveira</td>
<td>64</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
<tr>
<td>Benedito Emídio Santos</td>
<td>53</td>
<td>Cozinheiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Izabel Edmunda Bento de Oliveira reside na comunidade da Prainha Branca há 40 anos e, desde então, sempre ocupou a mesma
residência. A casa passou por reformas, já que anteriormente era construída em madeira fraca.

<table>
<thead>
<tr>
<th>CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MORADORES TRADICIONAIS</td>
</tr>
<tr>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICAS</th>
<th>DESCRIPÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>3 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (Tia Benedita)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>USO</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>3 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Terezinha Bento de Oliveira</td>
<td>39</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Erineu Andrade de Araújo</td>
<td>41</td>
<td>Pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Tiago de Oliveira Araújo</td>
<td>21</td>
<td>Porteiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Rafaely De Oliveira Araújo</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Terezinha Bento de Oliveira reside na comunidade da Prainha Branca há 36 anos e em sua atual moradia há três. Quando chegou com seus pais, morou com a Tia Benedita e, logo após, mudou-se para uma casa de barro, antes de se mudar para sua atual residência.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): [coordenadas GPS]

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>23 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>23 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Maria Aparecida Bento de Oliveira</td>
<td>37</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Claudinei Salestiano de Araujo</td>
<td>37</td>
<td>Mestre de Obras</td>
</tr>
<tr>
<td>Camile Oliveira Vaz de Lima</td>
<td>16</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Alan de Oliveira Araujo</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Ryan de Oliveira Araujo</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Caroline de Oliveira Araujo</td>
<td>06</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>João Bento de Oliveira</td>
<td>74</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria Aparecida morava com sua tia Benedita em uma casa de barro construída no mesmo terreno. Viveu lá por 11 anos. Após este período seu pai construiu a casa em que vivem hoje.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## FICHA DE MORADIA

### 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 250 E / 7 360 217 S

### 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>26 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Titulo de posse</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e pousada/camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>26 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Laureci de Oliveira Correa</td>
<td>51</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Waldir Xavier Correa</td>
<td>55</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Iuri de Oliveira Correa</td>
<td>09</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Fiama de Oliveira Correa</td>
<td>19</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Geisa Laís Correa Santana</td>
<td>25</td>
<td>Secretária</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Laureci morava com a mãe na casa ao lado. Quando se casou com Waldir, construiu a casa em que residem hoje.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 211 E / 7 360 091 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>6 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Doação</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa Séptica</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>6 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
</table>

04/08
Felipe da Silva Corrêa | 26 | Autônomo
Carla Regina Borges Lopes | 26 | Corretora de seguros

GENEALOGIA

José Neto

Joana Neto

Lourenço Bento de Oliveira

Irineu Jacinto da Silva

Felipe

Carla Regina Borges Lopes

Michele da Silva Maia

Beatriz Maia Correa

Lourengo Bento de Oliveira Júnior

Elisete da Silva Correa

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Felipe da Silva Corrêa cresceu e passou a juventude na Prainha Branca. Morou na casa de seus pais até 2005, quando ganhou da família o terreno onde hoje vive.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384231E / 7360426S

IMAGENS

Quartos para aluguel

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 1991</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Usucapião</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>26 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

04/12
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mariana de Oliveira</td>
<td>49</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Walder Domingues dos Santos</td>
<td>40</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Lucas Felipe de Oliveira</td>
<td>29</td>
<td>Turismólogo</td>
</tr>
<tr>
<td>Luana de Oliveira</td>
<td>26</td>
<td>Vendedora</td>
</tr>
<tr>
<td>Cristiano Nelson de Oliveira</td>
<td>25</td>
<td>Arrecadador</td>
</tr>
<tr>
<td>Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

- Edmundo Bento de Oliveira
- Romana Edmunda de Jesus
- Cândido
- Genésio
- Osvaldo
- Benedito
- Cristina
- Felicina
- Valmil

- Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos
- Cristiano Nelson de Oliveira
- Luana de Oliveira
- Osvaldo
- Benedito
- Cristina
- Felicina
- Valmil

- Isabela Ferreira de Oliveira
- Talita Ferreira Massaro
- Luana de Oliveira
- Cristiano Nelson de Oliveira
- Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos

- Benedito Domingues dos Santos
- Maria Aparecida Domingues dos Santos
- Hermógenes Maciel de Oliveira
- Isabel Edmunda Bento de Oliveira

- Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos
- Talita Ferreira Massaro
- Luana de Oliveira
- Cristiano Nelson de Oliveira
- Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos

- Isabela Ferreira de Oliveira
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Mariana de Oliveira morou com a mãe, Isabel Edmunda Bento de Oliveira, e seus cinco irmãos até 1985. Nesse ano passou a morar no terreno onde hoje vive, a pedido do antigo proprietário, que deixou a seu encargo os cuidados do terreno.

Mariana e a família passaram a morar em instalação antes utilizada como casa do gerador, que existe desde 1972. A casa foi reformada em 1991 e desde então não passou por alterações.

Construiu quartos com madeirite reciclada, instalações que aluga em finais de semana, feriados e durante temporadas e utiliza parte do terreno como área para camping.


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384211E / 7360039S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>1 ano</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira reciclada</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Cessão</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo (ou uso)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>1 ano</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Rita Maria Bento de Oliveira</td>
<td>51</td>
<td>Doméstica</td>
</tr>
<tr>
<td>Flávio dos Santos</td>
<td>26</td>
<td>Coletor</td>
</tr>
<tr>
<td>Romário dos Santos Silva</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rosa Maria Bento de Oliveira morava na ilha do Montão de Trigo, e mudou-se para a Prainha Branca com a mãe em 1976.

Sempre morou com a família na mesma porção de terras, considerada do ponto onde reside até a beira da praia.

De 1992 a 2010 morou em uma casa de taipa no mesmo terreno. Em decorrência de avançado estado de conservação, parte da casa caiu em 10 de janeiro de 2010.

A casa onde mora hoje foi construída em terreno cedido pela prima, Vera Lúcia dos Santos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384172E / 7359913S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DESCRIPÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)                        | Moradia                     |
| TEMPO DE OCUPAÇÃO                    | 22 anos                     |

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
NOME | IDADE | OCUPAÇÃO
---|---|---
Jurema Bento de Oliveira | 48 | Doméstica
José | 28 | Pedreiro

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


A casa onde mora hoje foi construída com barro em área cedida por Maciel Hermógenes, e posteriormente reformada pelo primeiro marido de Jurema, Eduardo Carvalho dos Santos. Nessa reforma o barro foi substituído por madeira, padrão ainda hoje mantido.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384096E / 7359908S

### 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Idade</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>Materiais</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>Reformas</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>Forma de Aquisição</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>Documentação</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>Abastecimento de Água</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>Esgotamento Sanitário</td>
<td>Sistema de esgoto (rede geral)</td>
</tr>
<tr>
<td>Destino do Lixo</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo (ou Uso)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Tempo de ocupação</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Marta Benedita Corrêa</td>
<td>74</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marta Benedita Corrêa veio para a Prainha Branca com os pais, quando ainda era criança. Não se recorda de datas precisas, e preferiu não fazer estimativas.
Antes de residir em sua casa atual, Marta morava na casa da frente, no mesmo terreno, hoje ocupada por seu filho Dionísio. Sua casa atual foi construída com alvenaria após o casamento do filho.

Marta morou com os pais em outra localidade na Prainha Branca, cuja história preferiu não mencionar.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
DIAGRAMA 05
Família Cândido dos Santos
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122.105 E / 7.359.541.925 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>15 anos, aproximadamente.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira reciclada</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Lucinéia de Oliveira</td>
<td>32</td>
<td>Do lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Cláudio Machado Guimarães</td>
<td>32</td>
<td>Ajudante de pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Kelly Cristina Oliveira Campos</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Ariel Oliveira Guimarães</td>
<td>03</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Julia Tainá Oliveira Guimarães</td>
<td>05</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Lucinéia de Oliveira reside na Prainha Branca desde seu nascimento, na mesma moradia, e nunca morou fora da comunidade.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS       | MORADORES NÃO TRADICIONAIS
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122 E/ 7.359.541 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICAS</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Aproximadamente 40 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sem, em processo</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>40 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Sebastião Napoleão dos Santos</td>
<td>40</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Valdete Oliveira machado</td>
<td>41</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>João Rafael Machado dos Santos</td>
<td>19</td>
<td>Militar</td>
</tr>
<tr>
<td>Gabriel M. dos Santos</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Laura M dos Santos</td>
<td>06</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sempre morou na Prainha Branca, a casa onde mora pertencia ao pai, que era caseiro no local.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384381 E/ 7360188 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>13 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>13 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>José Carlos dos Santos</td>
<td>39</td>
<td>Comerciante e carpinteiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Dantas Silva dos Santos</td>
<td>29</td>
<td>Assistente administrativo</td>
</tr>
<tr>
<td>Pedro Silva dos Santos</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Carlos nasceu na Prainha Branca, se mudou para Campinas em 1999 quando a esposa engravidou. Lá permaneceu por 1 ano e 6 meses, e depois voltou para comunidade, no terreno do pai.

Em 1998 começou a cuidar do atual terreno, que antes servia para descarte de lixo, e passou a utilizá-lo como área para camping. Após 11 anos mudou-se para o local e atualmente o utiliza para moradia e renda.
Embora o local apresentasse sinais de abandono, entre 1998 e 2009, Evandro Mesquita alegou ser de sua propriedade o terreno. Contudo José Carlos acredita que a área pertence à família Lemos. O caso segue em processo.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(  )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384182E / 7360149S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>11 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Segunda residência</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>3 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Paulo Sérgio dos Santos</td>
<td>40</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Lina Amâncio dos Santos</td>
<td>44</td>
<td>Funcionária Pública</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Paulo Sérgio morou com o pai, Natalino, até 2004. Manteve um comércio de frutas no local onde é hoje sua casa na Prainha Branca, atividade esta que foi sua principal fonte de renda por 3 anos. Em 2004 passou a morar em Bertioga em razão do seu trabalho e das dificuldades de deslocamento diário. Visita sua casa e família todos os finais de semana.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384179 E/ 7360156 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 40 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, não lembra quando.</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Não lembra</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Natallino Sant’ana dos Santos</td>
<td>78</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
<tr>
<td>Isaura dos Santos</td>
<td>70</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Ari dos Santos</td>
<td>44</td>
<td>Prestador de serviços</td>
</tr>
<tr>
<td>Lúcia dos Santos</td>
<td>45</td>
<td>Trabalha no cartório</td>
</tr>
<tr>
<td>Isaura dos Santos</td>
<td>42</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Natalino Sant’ana nasceu na Ilha do Montão de Trigo. Em 1942 seus pais se mudaram para a Prainha Branca a convite do Narciso Lemos. Na época que chegaram na comunidades, seu pai desenvolvia agricultura e pesca, juntamente com o Narciso Lemos. A proximidade com a família Lemos, resultou no casamento de Natalino e Isaura Neto, afilhada de Narciso Lemos.

Sua primeira casa, no atual terreno, era de taipa, onde atualmente mora seu filho Natalino. Além dessas duas casas, o terreno abriga a casa de mais três filhos, todos nascidos na Prainha Branca.

O terreno de Natalino Sant’ana está sob processo. O entrevistado conta que em 2008 um oficial de justiça entregou-lhe um pedido de demolição da casa, a mando de Evandro Mesquita, procurador de Jorge Corrêa Porto – Proprietário de várias áreas da Prainha Branca.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384195 E/ 7360171 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDENTIDADE</th>
<th>Entre 14 e 15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Há 3 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE Água</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Maria Conceição dos Santos Conzolino</strong></td>
<td>51</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Carlos Alberto Conzolino</td>
<td>54</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Fabiane os Santos Conzolino</td>
<td>22</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Tainá dos Santos Conzolino</td>
<td>19</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Carlos Bernardo Conzolino</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Melissa Conzolino Gonzales</td>
<td>2</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Henrique Conzolino Vasconcelos</td>
<td>1 mês</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

![Genealogical Tree Image]
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria Conzolino nasceu na Prainha Branca. Antes de casa-se com Carlos Alberto, morava com os pais, na casa no mesmo terreno.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 179 E/ 735 954 8 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>01 ano</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>01</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ana Paula de Oliveira</td>
<td>31</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Carlos de Oliveira</td>
<td>36</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Ana Clara</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Joel Carlos de Oliveira</td>
<td>07</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carlos de Oliveira nasceu na Prainha Branca, morou até os 24 anos com a mãe, em outra casa no mesmo terreno, quando se casou com Ana Paula e foi morar no "Morro", com a esposa. Há um ano, uma chuva forte derrubou a moradia do casal, no morro. Sem opção, construíram a atual casa no terreno da mãe, onde vivem até hoje.

DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(x)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384186 E/ 7359954 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>José Carlos dos Santos</td>
<td>58</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
<tr>
<td>Graciete Mota dos Santos</td>
<td>59</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Carlos Bruno Mota dos Santos</td>
<td>25</td>
<td>Guarda-vidas</td>
</tr>
<tr>
<td>Vinicius Mota dos Santos</td>
<td>22</td>
<td>Guarda-vidas</td>
</tr>
<tr>
<td>Osmarina Lemos dos Santos</td>
<td>85</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
<tr>
<td>Gil dos Santos</td>
<td></td>
<td>Eletricista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Carlos mora na Prainha Branca há 30 anos. Inicialmente morou em outra casa no mesmo terreno, onde atualmente funciona o bar da família, em frente a Praia. Devido a ressaca do mar, a casa foi derrubada e então iniciou a construção da atual moradia, que demorou seis anos para o termo.

Sua esposa Graciete Mota dos Santos nasceu na Prainha Branca e só saiu da comunidade por um período curto de tempo, quando se casou com José Carlos e foram morar em Guarujá, até o termo da casa.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384175E / 7360222S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDENTIFICAÇÃO</th>
<th>384175E / 7360222S</th>
</tr>
</thead>
</table>

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>1955</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 2009</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>56 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Ramiro Valença dos Santos</td>
<td>71</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ramiro Valença dos Santos reside na Prainha Branca desde 1955, quando se mudou com a família para a comunidade. Durante esses 56 anos morou em duas casas, todas localizadas no mesmo terreno onde hoje reside, terreno esse comprado por sua família em 1957.

A primeira casa foi erguida em 1975, e tinha madeira como principal material construtivo. A casa atual foi construída em 2009, em substituição à antiga, cujo material (madeira) já se encontrava em péssimas condições.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384231E / 7359954S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 2002</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Queimado/Enterro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>6 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Valéria Bacelar dos Santos</td>
<td>45</td>
<td>Desempregada</td>
</tr>
<tr>
<td>Renato Ângelo dos Santos Filho</td>
<td>50</td>
<td>Pintor</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


A entrevistada não soube informar a idade da construção, que foi reformada em 2005 para que o casal passasse a residir no local. A casa onde vive o casal está localizada em terreno da família Lemos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X)</td>
<td>(                          )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
**FICHA DE MORADIA**

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384184E / 7360144S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>IDADE</strong></td>
<td>20 anos</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>MATERIAIS</strong></td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>REFORMAS</strong></td>
<td>Sim, 2006</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>FORMA DE AQUISIÇÃO</strong></td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DOCUMENTAÇÃO</strong></td>
<td>Sim, escritura.</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</strong></td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</strong></td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>DESTINO DO LIXO</strong></td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Natalinos dos Santos</td>
<td>48</td>
<td>Auxiliar de serviços</td>
</tr>
<tr>
<td>Nadir de Oliveira</td>
<td>47</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Natalie Oliveira dos Santos</td>
<td>27</td>
<td>Desempregada</td>
</tr>
<tr>
<td>Ángelo Oliveira dos Santos</td>
<td>26</td>
<td>Açougueiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Elizandra Oliveira dos Santos</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Daiane Oliveira dos Santos</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Nadir de Oliveira, também nasceu e cresceu na comunidade, e viveu com a família em casa situada no terreno de Evandro Mesquita. A casa foi vendida, e os pais de Nadir passaram a morar em Bertioga.
Ao se casarem, Natalino e Nadir mudaram-se para a residência onde hoje vivem, construída em 1991 no terreno da família de Natalino.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>(   )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384176E / 7359538S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHE</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, 2010</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Gilberto Oliveira dos Santos</td>
<td>49</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gilberto nasceu no município de Guarujá, e veio com a família pra a Prainha Branca, em 1977. Seus pais mudaram-se para o terreno como caseiro de Zeca Fernandes, que lhes cedeu uma casa para morar. A casa era de madeira, e localizava-se próxima à praia.

Em 2010 realizou reforma na casa onde hoje reside, reforma esta que consistiu na ampliação do número de quartos e reforço do piso.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.183E / 7.359.541S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>30 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>2002</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>[herança, compra, outro etc.]</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Irene de Oliveira</td>
<td>67</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Jorge dos Santos</td>
<td>47</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Irene e o marido, Napoleão Ângelo dos Santos, mudaram-se do Montão de Trigo para a Prainha Branca em 1977 e ocuparam o terreno em questão.

Moraram em uma casa feita de madeira e com o banheiro de tijolinho, onde moraram por 4 anos. Em 1981 a família se mudou para a casa onde hoje reside Irene, que na época tinha madeira como material predominante.

A casa passou por reforma em 2002, quando a madeira foi substituída por alvenaria.

Esse mesmo terreno foi dividido entre os filhos, que na medida em que saíam de casa, construíram suas próprias residências.
Parte do terreno é utilizada para a prática de camping durante temporadas, atividade administrada por Jorge Napoleão dos Santos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.184 E / 7.359.542 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>5 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)                        | Moradia                                    |
| TEMPO DE OCUPAÇÃO                    | 4 anos                                     |

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Aline Ferreira Shibuya</td>
<td>22</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Marcelo de Oliveira Shibuya</td>
<td>34</td>
<td>Auxiliar de topografia</td>
</tr>
<tr>
<td>Quézia de Oliveira</td>
<td>8</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Aline mudou-se para a Prainha Branca em 2006 após firmar relacionamento estável com Marcelo. Desde então não residiu em outra localidade.

O casal morou um ano na casa de dona Irene, mãe de Marcelo. A casa onde residem atualmente foi construída em 2007, geminada à de dona Irene, e possui obras em andamento.
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 3837 38 E / 7 358 452 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe informar</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Segunda residência</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Francisco Jorge</td>
<td>74</td>
<td>Caseiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sempre morou na Prainha Branca. Atualmente trabalha de caseiro, na Praia Camburizinho e também é o motorista autorizado a usar a trilha do Evandro Mesquita para realizar algumas compras para comunidade ou em casos de emergência.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS | MORADORES NÃO TRADICIONAIS
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384147 E/7360489 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>21 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE Aquisição</td>
<td>Doação</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Título de posse</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>21 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Adelson de Oliveira Alves</td>
<td>45</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
<tr>
<td>Laudicéia dos Santos Silva Alves</td>
<td>43</td>
<td>Dona casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Beatriz dos Santos Silva Alves</td>
<td>23</td>
<td>Recepcionista</td>
</tr>
<tr>
<td>Gean Carlos Santos Silva Alves</td>
<td>18</td>
<td>Desempregado</td>
</tr>
<tr>
<td>Bruna dos Santos Silva Alves</td>
<td>17</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Karen Alves Corrêa</td>
<td>7</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Adelson nasceu na Prainha Branca e sempre morou no terreno onde vive atualmente. Porém, na atual residência, mora há 21 anos com a esposa e filhos, tendo antes morado na casa dos pais.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384147 E/ 7360489 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Doação de Benedito Francisco</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Comodato com Evandro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Mais de 26 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Sebastião Pedro Alves</td>
<td>72</td>
<td>Aposentado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊCIA FAMILIAR: Diagrama 6

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Os pais de Sebastião Pedro Alves – Olivia Gomes e Pedro Alves de Oliveira – chegaram à Prainha Branca em 1948, por intermédio de Virgilio, irmão de Pedro Alves. Esse tio era amigo do Narciso Lemos, que cedeu uma casa para a nova família residir, onde atualmente mora Josias.

Tanto o pai de Sebastião, Sr Pedro, quanto o tio participavam de todos os festejos da comunidade, principalmente da folia de reis. Em meados dos anos 80, Sebastião se casou e passou a morar na atual casa, cedida pelo tio da esposa, Benedito Francisco.

Entre 1987 e 1989, Evandro Mesquita chamou todas as pessoas que moravam na área e apresentou um documento em nome de Corrêa Porto e Burgue, alegando a posse do terreno. Nessa ocasião todos os moradores assinaram o termo de posse de uma área de 25 x 40m².

Há mais de 26 anos Sebastião mora na atual residência, a qual foi reformada 18 anos atrás. No local, além da casa principal, ainda existem mais três casas no terreno.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>(  )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384136 E/ 7360336 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>26 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira reciclada</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, reformou há 18 anos.</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outro</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Comodato</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado/Queimado/Enterro</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>26 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Humberto Jorge</td>
<td>50</td>
<td>Servidor público</td>
</tr>
<tr>
<td>Sidnéia Oliveira dos Santos Jorge</td>
<td>38</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Osmair Oliveira dos Santos Jorge</td>
<td>26</td>
<td>Garçom</td>
</tr>
<tr>
<td>Sidilaine Oliveira dos Santos Jorge</td>
<td>22</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
<tr>
<td>Edilaine Oliveira dos Santos Jorge</td>
<td>23</td>
<td>Ajudante geral</td>
</tr>
<tr>
<td>Humberto Jorge Junior</td>
<td>19</td>
<td>Bombeiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Josilaine Oliveira dos Santos Jorge</td>
<td>18</td>
<td>Cozinheira</td>
</tr>
<tr>
<td>Felipe Jorge Faustino</td>
<td>18</td>
<td>Desempregada</td>
</tr>
<tr>
<td>Raquel Jorge Faustino</td>
<td>14</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Françoaldo de Oliveira</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Rebeca da Silva Jorge</td>
<td>2</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Korolayne Ribeiro Jorge</td>
<td>5 meses</td>
<td>-</td>
</tr>
<tr>
<td>Willian Pereira de Araújo</td>
<td>18</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Oséias Batista Ribeiro</td>
<td>23</td>
<td>Artista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Humberto Jorge nasceu na Prainha Branca. Quando criança morou com os pais numa casa no atual terreno do Evandro Mesquita. Segundo o entrevistado, saíram do local após um acordo entre a mãe, dois irmãos e o Evandro, quando trocaram a casa por uma casa em Guarujá, no mangue. Há 26 anos mora no terreno de propriedade de Enil Fonseca, que cedeu o local ao morador com a condição de que este zelasse pelo terreno.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384146E / 7360308S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria/ madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO (OU USO)</td>
<td>Moradia e camping</td>
</tr>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>5 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Djalma dos Santos Jorge</td>
<td>27</td>
<td>Autônomo</td>
</tr>
<tr>
<td>Natália Corrêa Maldi</td>
<td>22</td>
<td>Autônoma</td>
</tr>
<tr>
<td>Kairã Maldi Jorge</td>
<td>4</td>
<td>-</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**GENEALOGIA**

**HISTÓRICO DE MOBILIDADE**

Djalma morou com os pais na Prainha Branca até completar 20 anos de idade. Depois de seu tio Alberto Mota herdar o terreno do pai, mudou-se para sua atual residência. Mantém área para camping.

**CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES**

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( x )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.149 E/ 7.360.475 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>25 ANOS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>25 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Janice de Oliveira</td>
<td>25</td>
<td>Aux. Enfermagem</td>
</tr>
<tr>
<td>Joanna Lara Oliveira</td>
<td>5 meses</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Nilson Alves de Oliveira</td>
<td>48</td>
<td>Coletor</td>
</tr>
<tr>
<td>Janete Altino de Oliveira</td>
<td>44</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>Wilson de Oliveira</td>
<td>23</td>
<td>Vendedor</td>
</tr>
<tr>
<td>Guilherme de Oliveira</td>
<td>19</td>
<td>Fiscal de Praça</td>
</tr>
<tr>
<td>Lenon de Oliveira</td>
<td>15</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### GENEALOGIA

![Genealogical Diagram](image)

### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Janice de Oliveira, filha do casal Nilson e Janete, mora na Prainha Branca desde o nascimento.

Relatou que em 2002 a construção da casa foi embarcada, e a sociedade Amigos da Prainha Branca pediu para que eles não construíssem mais.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X)</td>
<td>(   )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
**FICHA DE MORADIA**

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384581E / 7360450S

**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Comodato</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**3. OCUPAÇÃO E USO**

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Rita de Oliveira</td>
<td>Não sabe</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIA: Diagrama 6

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rita de Oliveira é uma senhora com idade avançada. Reside sozinha, e não conseguiu se lembrar de datas tanto da construção quanto de sua história de vida.

Quando criança morou em Iporanga, com os pais. A família se mudou para a Prainha Branca e morava em uma casa em terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS  |  MORADORES NÃO TRADICIONAIS
DIAGRAMA 07
Família Celestino da Silva
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.575 E / 73.605.5348 S

IMAGENS
Não autorizou a retirada de fotos.

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>6 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra (comprou do Avô)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Possui recibo e posse de terra</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO (OU USO)</td>
<td>Moradia</td>
</tr>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>7 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Diego José da Silva Rosas</td>
<td>27</td>
<td>Marinheiro</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Diego José nasceu na comunidade da Prainha Branca e morou na Ponta da Armação até os 14 anos. Mudou-se e morou com seu pai dos 14 aos 20 anos, e há 7 anos reside em sua atual residência.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.414 E/ 7.360.862 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (do avô)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping/pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Dorabel Celestino da Silva</td>
<td>54</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Adriana Celestino da Silva</td>
<td>33</td>
<td>Tec. Enfermagem</td>
</tr>
<tr>
<td>Marcel Harum Costa</td>
<td>29</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Max Harum Costa</td>
<td>32</td>
<td>Autônomo</td>
</tr>
<tr>
<td>Marcos Harum Costa</td>
<td>29</td>
<td>Sistemas de informática</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dorabel Celestino da Silva reside em sua atual moradia há 15 anos. Morou durante 07 anos em Santos, cidade em que seu avô foi morar.
após ter se separado. Também morou em Caçapava, durante 8 anos, para fins de estudo.

<table>
<thead>
<tr>
<th>CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MORADORES TRADICIONAIS</td>
</tr>
<tr>
<td>( X )</td>
</tr>
<tr>
<td>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</td>
</tr>
<tr>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
## FICHA DE MORADIA

### 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384659 E/ 7360508 S

### 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhe</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>30 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço semi artesiano</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>Tipo (ou uso)</th>
<th>Moradia, camping e comércio</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>21 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>Nome</th>
<th>Idade</th>
<th>Ocupação</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Alvaro Celestino da Silva</td>
<td>69</td>
<td>Camping</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Segundo o entrevistado, o local onde mora foi alvo de especulação imobiliária, tendo sido proposto um projeto para a criação de um condomínio na área. Na época, quem barrou a proposta foram os próprios moradores.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
# FICHA DE MORADIA

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.388 E/7.360.874 S

## IMAGENS

![Imagens do imóvel](image1.jpg) ![Imagens do imóvel](image2.jpg) ![Imagens do imóvel](image3.jpg)

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>Mais de 70 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Em processo</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO) | Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO | Aproximadamente 30 anos

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Inês Celestino da Silva</td>
<td>56</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Inês Celestino, residiu primeiramente, com os pais e a avó, na área conhecido como “Cantão”.

O avó era responsável por zelar pelas ruínas históricas, e por isso residia na área conhecida como Ponta da Armação. Ele trabalhou como
caseiro por 14 anos e quando faleceu, sua mãe passou a morar no local, juntamente com a entrevistada.

A casa que o avô deixou para família era um barracão de chão batido, construído por Maria Mita, onde atualmente reside o Magno.

O único conflito envolvendo a casa ocorreu há muito tempo, quando sua mãe ainda era viva. Segundo Dona Inês, um casal, que morava onde atualmente reside o Sr Josias, reivindicou um espaço no terreno para construção de uma casa. Sem autorização, o casal foi embora, e até então o único conflito da terra se dá em termos judiciais.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(X)</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384624 E/7360486 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>41 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Escritura</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>41 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Laudelina dos Santos Silva</td>
<td>63</td>
<td>Dona de casa</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Laudelina dos Santos Silva veio do Montão de Trigo com sete anos de idade. Inicialmente morou com o tio, Luís Lemos, até se casar com o Fernando da Silva. Desde então, mora na atual casa, no terreno que pertencia ao sogro.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384217 E/ 7359899 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Mais de 50 anos.</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Pau-a-pique – taipa</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Comodato</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Contrato de comodato</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>21 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>José Roberto Rosas</td>
<td>66</td>
<td>Aposentadoria/Camping</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

![Genealogical Diagram]

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Roberto nasceu em São Vicente, onde morou até os 20 anos de idade. Após servir o quartel, mudou-se para Salvador, onde viveu por um ano, sustentando-se de venda de livros. Já com 21 anos, instalou-se em São Paulo, por quatro anos, quando resolveu voltar para o litoral, por não conseguir se adaptar ao ritmo de vida da capital. Na Praia Branca, morou por quatro anos no “Cantão Grosso”, quando se casou com a Inês e foram morar na Ponta da Armação. O casamento durou 15 anos, e desde 1990, “Beto”, como é conhecido, mora na casa de taipa, na frente da Praia.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 499 E / 7 360 882 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>11 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria e madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (da avó)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não (título de posse no nome da avó)</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Entre 11 e 12 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
### 4. Informações sobre os moradores

<table>
<thead>
<tr>
<th>Nome</th>
<th>Idade</th>
<th>Ocupação</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Gisele da Cunha Barbosa</td>
<td>32</td>
<td>Massoterapeuta</td>
</tr>
<tr>
<td>Hércules Rocha</td>
<td>35</td>
<td>Pescador</td>
</tr>
<tr>
<td>Stela Maris Barbosa Rocha</td>
<td>10</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Ícaro Barbosa Rocha</td>
<td>03</td>
<td>Sem ocupação</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### Genealogia

![Genealogia](genealogy.png)

### 5. Referência Familiar: Diagrama 7

**Histórico de Mobilidade**
Gisele da Cunha Barbosa reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu. Morou na casa de sua mãe até os 24 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 426 E / 7 360 863 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe (“mais de 100 anos”)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (da avó, porém é alugado da tia)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO) | Moradia
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Carolina da Silva Rosas</td>
<td>32</td>
<td>Agente de saúde</td>
</tr>
<tr>
<td>Felipe Gonçalves de Brito</td>
<td>23</td>
<td>Coletor</td>
</tr>
<tr>
<td>Arthur Ernandes Rosas Rodrigues</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Davi Rosas de Brito</td>
<td>03</td>
<td>Sem ocupação</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7
HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carolina da Silva Rosas morou com a mãe até os 17 anos. Passou 10 anos morando fora e retornou, aos 27 anos. Há 02 anos aluga a casa da tia.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.386 E/7.360.856 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe (“mais de 60 anos”)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim, feita há 30 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (da mãe)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>10 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Magno Celestino da Silva</td>
<td>51</td>
<td>Professor</td>
</tr>
<tr>
<td>Carlos Márcio de Assis</td>
<td>41</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.655 E / 7.360.568 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>15 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Documento do INCRA</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>15 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Valéria de Almeida Silva</td>
<td>33</td>
<td>Do Lar</td>
</tr>
<tr>
<td>Clayton dos Santos Silva</td>
<td>39</td>
<td>Funcionário Público</td>
</tr>
<tr>
<td>Deivid de Almeida Silva</td>
<td>16</td>
<td>Surfista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Valéria de Almeida Silva é natural de Santos e reside na comunidade da Prainha Branca há 33 anos, e em sua atual moradia há 15. Aos 07 anos, foi morar no interior de São Paulo e retornou após 05 anos. Já morou na Vila com a D. Conceição.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
# FICHA DE MORADIA

## 1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.629E / 7.360.560 S

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>37 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIALS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim (a casa era de taipa)</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (dos pais)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim (certidão de posse)</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>86</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
</table>

07/03
### GENEALOGIA

#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Walmil Celestino da Silva reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu, tendo se ausentado apenas durante o ano de 1989, quando morou em Campinas. Sua casa era de Taipa e foi desmanchada para que fosse construída à base de alvenaria.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.658 E/ 7.360.546 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>DESCRITIVO</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>13 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Herança (da tia)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Documento de compra e venda</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

| TIPO (OU USO)                       | Moradia                                      |
| TEMPO DE OCUPAÇÃO                   | 13 anos                                      |
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Leônidas dos Santos Silva</td>
<td>41</td>
<td>Pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Eleni Maria Nogueira</td>
<td>43</td>
<td>Jornalista</td>
</tr>
<tr>
<td>Fernando Nogueira da Silva</td>
<td>11</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Leônidas dos Santos Silva mora na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu e residiu em outra localidade. Morou na casa da mãe até se mudar para sua atual residência.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( X )</td>
<td>( )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
NÃO TRADICIONAIS
Sem ligação familiar
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 103 E / 7359 887 S

IMAGENS
Não autorizadas.

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>03 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (por serviço)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>05 meses</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Isaías Cado de Oliveira</td>
<td>30</td>
<td>Jardinagem</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Isaías Cado de Oliveira é natural da Bahia. Trabalhou no Lipe Point (pousada), durante aproximadamente 07 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(        )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FIcha de Moradia

1. Identificação
LocaLizaçãO (UTM SAD69): 384 115 E / 7000 360 026 S

2. Características do Imóvel

<table>
<thead>
<tr>
<th>Item</th>
<th>Detalhes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Idade</td>
<td>Não sabe</td>
</tr>
<tr>
<td>Materiais</td>
<td>Alvenaria (tijolo/bloco)</td>
</tr>
<tr>
<td>Reformas</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>Forma de Aquisição</td>
<td>Outra (Aluguel)</td>
</tr>
<tr>
<td>Documentação</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>Abastecimento de Água</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>Esgotamento Sanitário</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>Destino do Lixo</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>
3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>03 meses</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Patrick José Piffer Gairo</td>
<td>31</td>
<td>Serviços</td>
</tr>
</tbody>
</table>

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Patrick nasceu em Jundiaí e mora na comunidade há 08 meses, ocupando a sua atual residência há três. Antes disso, morou na casa amarela (praia) durante 05 meses.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384101 E/ 7359834 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>50 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria – tijolo ou bloco</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outro - caseiro</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Contrato de caseiro</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>2 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Anderson Marcelo de Lima</td>
<td>26</td>
<td>Caseiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Carmem Luz de Lima</td>
<td>18</td>
<td>caseira</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
FICHA DE MORADIA

1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384271 E/ 7360428 S

IMAGENS

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>18 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Contrato de compra e venda</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Outros</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIxo</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia, camping e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>18 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Joaquim Duarte Soares de Almeida</td>
<td>54</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Pauleany Carvalho Maia</td>
<td>30</td>
<td>Escritora</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Joaquim Duarte é natural de São Paulo, veio para o litoral no final dos anos 80. Sua primeira morada foi na Praia Preta, onde permaneceu por dois anos em comodato. Após esse período foi para a Ilha do Montão de Trigo, permaneceu no local por dois anos e desde então se fixou na Prainha Branca.
Sempre trabalhou com comércio, em 1990 arrendou o Bar do Lino, onde atualmente funciona o *My Power* – em frente a Praia, em 1993 comprou o atual terreno, iniciou as obras e em 1994 fechou o Bar do Lino e iniciou a atividade de camping e pousada no local.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384209E / 7360108S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>Característica</th>
<th>Detalhes</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e comércio</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>6 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Paulo Augusto Rodrigues Vaz de Andrade</td>
<td>55</td>
<td>Artesão</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


Mudou-se para sua casa atual em 2005, quando o dono lhe cedeu o lugar para que mantivesse um comércio. Paulo comercializa itens de artesanato, e paga uma taxa mensal pela utilização do espaço.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384188E / 7360113S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>14 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Certidão de compra e venda</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Segunda Residência e pousada</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>13 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Dolores Vilariño Rozados</td>
<td>77</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dolores se manteve um relacionamento amoroso com um morador tradicional da Prainha há cerca de 15 anos. Nesse período, comprou o terreno sob sua responsabilidade hoje e construiu a casa hoje existente.

Atualmente reside em Santos e visita sua propriedade aos finais de semana. Pretende se mudar para a Prainha Branca em março de 2012, quando finalizar seu mandato de síndica do prédio onde mora.
CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(  )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384536 E/ 7360386 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>61 anos (1950)</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Mista (madeira e alvenaria)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Sim. Em 2000 a madeira da cozinha foi substituída por estrutura de alvenaria.</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Sim. Termo de compra e venda.</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECEIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<p>| | |</p>
<table>
<thead>
<tr>
<th></th>
<th></th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TIPO (OU USO)</td>
<td>Segunda residência</td>
</tr>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>Em 1935 o avô do ocupante começou a frequentar a Prainha Branca. Sua mãe residiu no local de 1990 a 2009, e deixou a casa por</td>
</tr>
</tbody>
</table>

IMAGENS

Panorâmica | Fachada | Lateral
dificuldade de acesso a serviços de saúde.

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Marcelo Fernandes Almeida</td>
<td>46</td>
<td>Servidor Público</td>
</tr>
<tr>
<td>Ricardo Fernandes Almeida</td>
<td>41</td>
<td>Autônomo</td>
</tr>
<tr>
<td>Jaci Cruz Almeida</td>
<td>90</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
<tr>
<td>Marilza Fernandes Almeida</td>
<td>67</td>
<td>Pensionista</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

O terreno foi adquirido em 1935 por Sílvio de Almeida, pelo avô do atual ocupante. O proprietário na época, Carlos de Barro, vendeu um chalé barreado, transação registrada em cartório por Sílvio.
Desde então a área é utilizada como local de lazer por três gerações da família. Em feriados e finais de semana recebem parentes e amigos no local.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
# FICHA DE MORADIA

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 849 E / 73 60 573 S

## IMAGENS

![Image 1](image1.png) ![Image 2](image2.png) ![Image 3](image3.png)

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Entre 90 e 92 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Pau-a-pique barreado (taipa)</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Aumentou a cozinha</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (acordo verbal)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

## 3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>13 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Cristiano Ramos Perpétuo</td>
<td>34</td>
<td>Guia local/Artesão</td>
</tr>
<tr>
<td>Célia Cristina Pereira</td>
<td>30</td>
<td>Guia local/Artesão</td>
</tr>
<tr>
<td>Mussamale Pereira da Silva</td>
<td>12</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Cristiano Ramos é natural de São Paulo. Recebeu seu terreno na Prainha Branca através de acordo verbal. Foi morar na Bahia durante um tempo e, depois, retornou para o mesmo local.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO
LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 231 E / 7 360 426 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>20 anos</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Alvenaria e madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (toma conta da moradia)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa/Céu aberto</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia e camping</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Josias Tadeu Rodrigues da Silva</td>
<td>59</td>
<td>Pedreiro</td>
</tr>
<tr>
<td>Damaris Menon Peres</td>
<td>54</td>
<td>Aposentada</td>
</tr>
<tr>
<td>Josias Júnior</td>
<td>21</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Lucas Menon</td>
<td>23</td>
<td>Telemarketing</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA

5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE
Josias Tadeu se mudou para a comunidade da Prainha Branca aos 7 anos, acompanhado de seu pai. Morou, primeiramente em um terreno no cantão, com seus pais, primos e tios. Mudou-se após o seu casamento.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>( )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 577 E / 7 360 576 S

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>CARACTERÍSTICA</th>
<th>DETALHES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>IDADE</td>
<td>18 anos, aproximadamente.</td>
</tr>
<tr>
<td>MATERIAIS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Compra</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Poço ou nascente</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Fossa</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Coletado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>18 anos, aproximadamente.</td>
</tr>
</tbody>
</table>
4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Gilmar Pereira Alves</td>
<td>47</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Maura Carvalho Pereira Alves</td>
<td>34</td>
<td>Comerciante</td>
</tr>
<tr>
<td>Loretta Vitória P. Alves</td>
<td>09</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Luisa Aurora P. Alves</td>
<td>08</td>
<td>Estudante</td>
</tr>
<tr>
<td>Emanuel P. Alves</td>
<td>06 meses</td>
<td>Sem ocupação</td>
</tr>
</tbody>
</table>

GENEALOGIA
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE


CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(  )</td>
<td>( X )</td>
</tr>
</tbody>
</table>
1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): [coordenadas GPS]

2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

<table>
<thead>
<tr>
<th>IDADE</th>
<th>Não sabe1</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MATEIRAS</td>
<td>Madeira</td>
</tr>
<tr>
<td>REFORMAS</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>FORMA DE AQUISIÇÃO</td>
<td>Outra (Marcos concedeu)</td>
</tr>
<tr>
<td>DOCUMENTAÇÃO</td>
<td>Não</td>
</tr>
<tr>
<td>ABASTECIMENTO DE ÁGUA</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>ESGOTAMENTO SANITÁRIO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
<tr>
<td>DESTINO DO LIXO</td>
<td>Não informado</td>
</tr>
</tbody>
</table>

3. OCUPAÇÃO E USO

<table>
<thead>
<tr>
<th>TIPO (OU USO)</th>
<th>Moradia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>TEMPO DE OCUPAÇÃO</td>
<td>20 anos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

<table>
<thead>
<tr>
<th>NOME</th>
<th>IDADE</th>
<th>OCUPAÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>José Roberto Guimarães</td>
<td>53</td>
<td>Garçom</td>
</tr>
</tbody>
</table>
5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Roberto Guimarães é natural de São Paulo. Morou em Divinolândia-MG e se mudou para Bertioga devido à enfermidade de seu pai.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES
<table>
<thead>
<tr>
<th>MORADORES TRADICIONAIS</th>
<th>MORADORES NÃO TRADICIONAIS</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>(  )</td>
<td>(  X  )</td>
</tr>
</tbody>
</table>